

Quadro programático da CRB para o triênio 2016-2019

HORIZONTE

Como VRC em processo de transformação, conscientes da crise política-ética-social-econômica no Brasil, cremos que Deus está fazendo coisas novas (cf. Is 43,19). Iluminados/as pela Trindade, em comunhão com a Igreja e em sintonia com a CLAR, sentimo-nos convocados/as a viver “em saída” e a tecer relações de misericórdia, com palavras, gestos e atitudes humanizadoras, priorizando os empobrecidos e vulneráveis, as juventudes e a ecologia integral. Pelas trilhas da mística e da profecia e da esperança criativa, visamos fidelidade ao projeto de Deus.

PRIORIDADES

* Integrar mística e profecia

Fortalecer a integração entre mística e profecia, com o coração ardente e pés de peregrino/a, de olhos abertos e ouvidos atentos às novas fronteiras de missão, acolhendo os impulsos do Espírito, no seguimento missionário de Jesus.

* Relações humanizadoras e solidárias

Intensificar a cultura do encontro consigo, com o/a outro/a, com a criação e com Deus, para que as relações comunitárias, intergeracionais, interculturais e intergeracionais sejam circulares, afetivas, solidárias, vivendo os valores da comunhão, gratuidade, proximidade e misericórdia.

* Missão com opção preferencial pelos pobres

Revigorar a opção preferencial pelos pobres, vulneráveis e excluídos, com um estilo de vida simples, assumindo a defesa da vida onde está mais ameaçada, em compromisso com os movimentos sociais, o processo democrático, a justiça social, as fronteiras existenciais, o diálogo intercultural e inter-religioso e a ecologia integral.

* Intercongregacionalidade

Fomentar a partilha de Carismas dos/as Consagrados/as entre si e com leigos/as, numa eclesiologia sinodal de comunhão e de corresponsabilidade, incentivando ações intercongregacionais e em redes, o protagonismo das Novas Gerações e a promoção geracional.

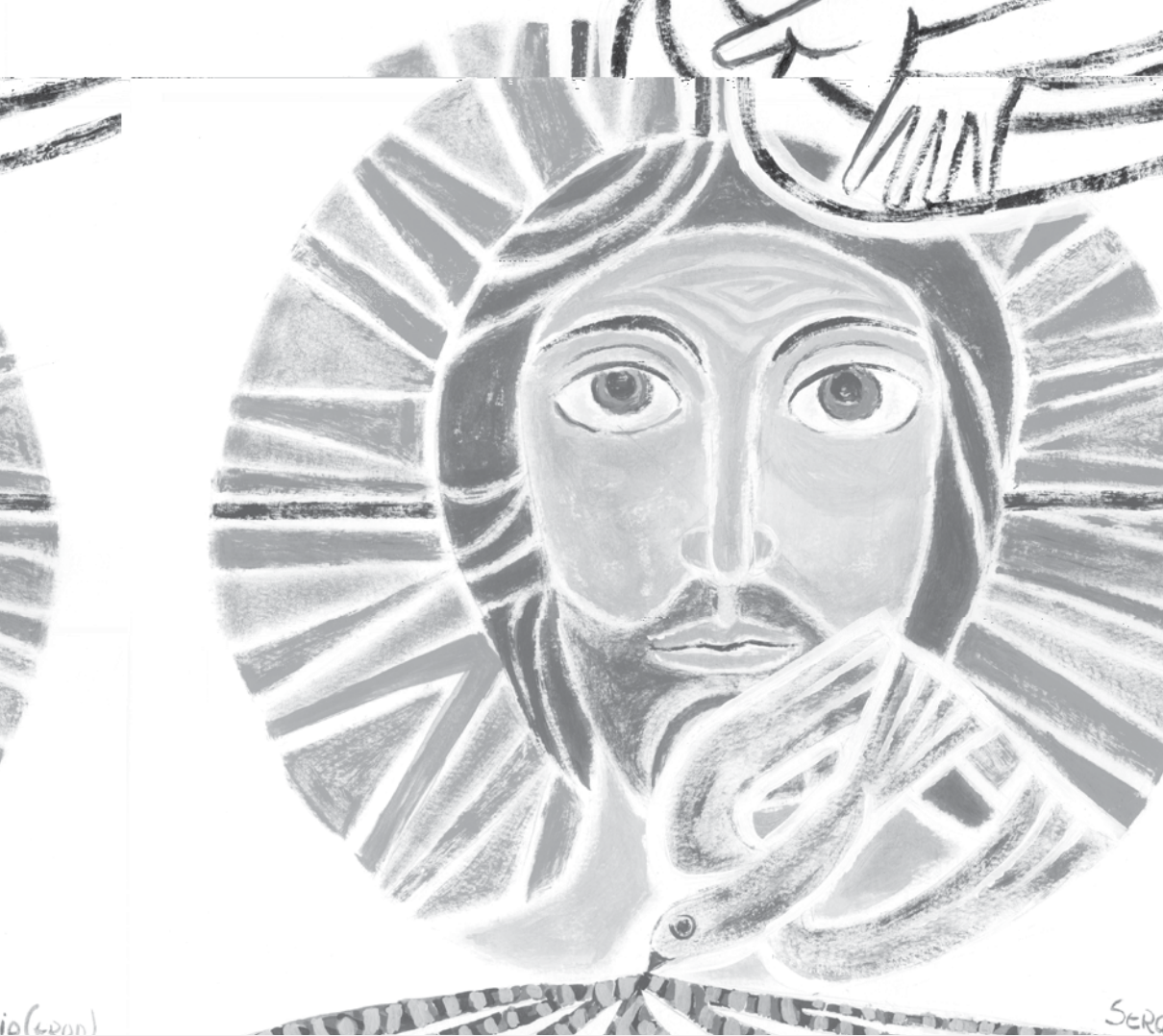
DEZEMBRO
ANO LI N.º

A Rainha de
toda a criação

E o Mistério se
fez em Maria...

Na escola de Maria,
Mãe de Misericórdia

A Misericórdia
se fez carne e habitou
entre nós



Convergência

DEZEMBRO 2016
ANO LI • Nº 497

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162



CRB

Convergência ISSN 0010-8162

DIRETORA: Irmã Maria Inês Ribeiro, mad
EDITOR: Irmão Lauro Daros, fms
REDATORA: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

CONSELHO EDITORIAL: Frei Moacir Casagrande, ofmcap
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp
Jaldemir Vitório, sj
João Edênio Valle, svd

PROJETO GRÁFICO: Manuel Rebelato Miramontes
COORDENAÇÃO DE REVISÃO: Marina Mendonça
REVISÃO: Mônica Elaine G. S. Costa
IMPRESSÃO: Gráfica de Paulinas Editora
ILUSTRAÇÃO DA CAPA: Sergio Ceron

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540 - Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Sumário

Editorial

Maria, Rainha da Criação
IRMÃO LAURO DAROS

Mensagem do Papa

A Rainha de toda a criação

Rosto Misericordioso do Pai

“Ser o rosto misericordioso do Pai no trabalho com meninos de rua”
VÂNIA APARECIDA SOBREIRA

Mártires

Biografia da Serva de Deus Irmã Benigna Victima de Jesus
JÉSSICA LUANA DE SOUZA

Informes

E o mistério se fez em Maria
MARIA DO DISTERRO ROCHA SANTOS

Intercongregacionalidade: novos caminhos são possíveis
MARIA MARCELINA XAVIER

Irmãs Salvatorianas na Guatemala: “lugar de muitas árvores”
VERA LUCIA PALERMO

Irmãs Sacramentinas de Bérnago: 70 anos de presença no Brasil
MARIA DO ROSÁRIO CALDEIRA

Por que Maria não teve mais filhos?
ANDRÉ LUIZ OLIVEIRA

Artigos

Na escola de Maria, Mãe de Misericórdia
VINÍCIUS AUGUSTO RIBEIRO TEIXEIRA

“A misericórdia se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14)
PE. PAULO ROBERTO GOMES

No documento *Laudato Si'*, o Papa Francisco apresenta Maria como “A Rainha de toda a criação”. “Ela vive, com Jesus, completamente transfigurada, e todas as criaturas cantam a sua beleza. É a Mulher “vestida de sol, com a lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça” (Ap 12,1). Elevada ao céu, é Mãe e Rainha de toda a criação. No seu corpo glorificado, juntamente com Cristo ressuscitado, parte da criação alcançou toda a plenitude da sua beleza.”

Vânia Aparecida Sobreira, que atua com os Salesianos, mostra o rosto misericordioso do Pai no trabalho com meninos de rua. A autora cita Dom Bosco: “Basta-me que sejas jovens para que eu vos ame profundamente” e “Não basta amar os jovens, é preciso que eles se sintam amados”.

Irmã Jéssica Luana de Souza traz a “Biografia da Serva de Deus Irmã Benigna Victima de Jesus”. Encerra a biografia relatando que “ela dedicou, sem reservas, toda a sua história para servir a Deus com imenso amor e contou incessantemente com a carinhosa intervenção de Maria, a Senhora da Piedade”.

Iniciando os Informes, Irmã Maria do Disterro brinda leitores e leitoras com o belo poema marial “E o mistério se fez em Maria...”. Expressa a poeta: “E pelo ‘Sim’, sobretudo pelo assumir conscientemente esse ‘Sim’, o mistério se fez em Maria, e através de Maria podemos fazer a experiência do mistério!”.

Irmã Maria Marcelina partilha a experiência intercongregacional no Haiti: “A intercongregacionalidade foi uma

experiência vivida por cinco anos que marcou profundamente a minha vida como mulher consagrada – Pia Mestra de Rosa Venerini. Essa vivência fez-me conhecer um novo modo de servir os preferidos de Deus através da partilha da vida, dos dons pessoais e dos carismas”.

Irmã Vera Lucia Palermo informa sobre a nova missão das Irmãs Salvatorianas na Guatemala. “Somos uma comunidade missionária *interprovincial, internacional, intercultural, interespiritual, inter-humana*”.

Irmã Maria do Rosário Caldeira escreve sobre os 70 anos de presença no Brasil das Irmãs Sacramentinas de Bérgamo: “Celebrar 70 anos de presença no Brasil é lançar demoradamente o olhar para a história que construímos, para os horizontes que se descortinaram, para as vidas que nos marcaram e para as presenças que se tornaram verdadeiros presentes de Deus, ao longo do caminho”.

Professor André Luís Oliveira responde à pergunta “Por que Maria não teve mais filhos?”: “A Virgindade Perpétua de Maria não é somente castidade. É doação materna. É maternidade espiritual. Maria não teve mais filhos para que um dia seu único Filho pudesse, no alto da cruz, contemplar a humanidade órfã e dizer: *Mulier, ecce filius tuus* (Jo 19,26)”.

Pe. Vinícius Teixeira, no contexto do Ano da Misericórdia, oferece o texto “Na escola de Maria, Mãe de Misericórdia”. “Na Sagrada Escritura, a misericórdia de Deus se reveste de feições marcadamente femininas e maternas, manifestando-se, reiteradamente, em proximidade, ternura, cuidado e benevolência (cf. Is 66,13; Os 11,8-9; Sl 131,2). Ninguém melhor do que Maria de Nazaré personifica e exprime o dinamismo da misericórdia que primeiro a envolveu.”

Pe. Paulo Roberto Gomes, em um texto natalino, “A misericórdia se fez carne e habitou entre nós”, relaciona o Natal com o Ano da Misericórdia. “A misericórdia é

fundamental na Bíblia para o povo de Israel. No entanto, segundo o teólogo Walter Kasper, caiu no esquecimento, sendo pouco abordada na teologia, na catequese, nas homilias e na pastoral. Contudo, o mundo fissurado por tanto sofrimento e dor continua pedindo sua presença concreta e relevante.”

IRMÃO LAURO DAROS, marista.

A Rainha de toda a criação

A seguir, transcrevemos breve trecho da Encíclica *Laudato Si'* – Sobre o cuidado da casa comum, que aponta Maria como Rainha de toda a criação.

241. Maria, a mãe que cuidou de Jesus, agora cuida com carinho e preocupação materna deste mundo ferido. Assim como chorou com o coração trespassado a morte de Jesus, assim também agora se compadece do sofrimento dos pobres crucificados e das criaturas deste mundo exterminadas pelo poder humano. Ela vive, com Jesus, completamente transfigurada, e todas as criaturas cantam a sua beleza. É a Mulher “vestida de sol, com a lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça” (Ap 12,1). Elevada ao céu, é Mãe e Rainha de toda a criação. No seu corpo glorificado, juntamente com Cristo ressuscitado, parte da criação alcançou toda a plenitude da sua beleza. Maria não só conserva no seu coração toda a vida de Jesus, que “guardava” cuidadosamente (cf. Lc 2,51), mas agora compreende também o sentido de todas as coisas. Por isso, podemos pedir-lhe que nos ajude a contemplar este mundo com um olhar mais sábio.

242. E ao lado dela, na sagrada família de Nazaré, destaca-se a figura de São José. Com o seu trabalho e presença generosa, cuidou e defendeu Maria e Jesus e livrou-os da violência dos injustos, levando-os para o Egito. No Evangelho, aparece descrito como um homem justo, trabalhador,

forte; mas, da sua figura, emana também uma grande ternura, própria não de quem é fraco, mas de quem é verdadeiramente forte, atento à realidade para amar e servir humildemente. Por isso, foi declarado protetor da Igreja universal. Também ele nos pode ensinar a cuidar, pode motivar-nos a trabalhar com generosidade e ternura para proteger este mundo que Deus nos confiou.

PAPA FRANCISCO, *Laudato Si'*.

“Ser o rosto misericordioso do Pai no trabalho com meninos de rua”

Para nós, educadores Salesianos, “Ser o rosto misericordioso do Pai no trabalho com meninos de rua” é um chamado do Pai a ser misericordioso para com a juventude. É dar sequência aos ensinamentos do Pai.

O amor ao trabalho com meninos de rua é vida concreta, são intenções, atitudes, ensinamentos e aprendizados. A misericórdia de Deus é um ato de amor para com seus filhos. Ele se sente responsável, deseja o nosso bem e quer ver-nos sempre felizes, cheios de alegria e serenidade. Em sintonia com o amor de Deus, devemos nos orientar para sermos pessoas misericordiosas. Tal como ele é misericordioso, assim também somos chamados a ser misericordiosos uns para com os outros. Somos meios pelos quais Deus continua se revelando e agindo na história.

Para Dom Bosco, “basta-me que sejais jovens para que eu vos ame profundamente”. E “não basta amar os jovens, é preciso que eles se sintam amados”. Mais do que um método, o sistema preventivo de Dom Bosco no trabalho com meninos de rua se apresenta como uma proposta de vida e, ao mesmo tempo, pedagogia, pastoral e espiritualidade. Estar presente fraternalmente entre os jovens, baseando sua atuação nos princípios do amor, razão e religião.

O amor deve ser impregnado pelo discernimento, acolhendo e orientando os jovens para todos os processos de desenvolvimento integral, buscando, em vez de coibir, conviver com a sua espontaneidade e, dessa forma, promover valores e atitudes positivas, assim como compreender e retificar os seus erros. A religião se refere à espiritualidade, que é a atitude que alicerça a vida na relação com o transcendente. Por meio de temas transversais, os jovens são

convidados a refletir sobre a dimensão espiritual da existência, respeitando-se a diversidade religiosa e crenças.

Para Dom Bosco, todo menino é bom, se há meninos maus é porque não há quem cuide deles. Busca-se uma convivência em que se respeita a liberdade, ao mesmo tempo que valores são oferecidos. A alegria da vida e do encontro consigo mesmo e com o outro descortina a percepção da presença de Deus, e que eles o percebam como um sinal do amor de Deus, que continua presente, atuando na história em favor de todos, de modo especial pelos mais necessitados, aos quais o Reino pertence.

O trabalho com os adolescentes em situação de risco pessoal e social tem aspecto semelhante ao de uma residência e está inserido na comunidade, em áreas residenciais, oferecendo ambiente acolhedor e em condições institucionais para o atendimento com padrões de dignidade. Trata-se de um espaço para o atendimento socioeducativo, qualificado, emergencial e provisório aos adolescentes, de modo a permitir-lhes o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social em condições de liberdade e dignidade (artigo 3º do Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069/1990), assegurando-lhes o acesso aos direitos básicos preconizados pela legislação brasileira.

Assim, o trabalho se organiza e se fundamenta na promoção e na defesa dos direitos dos adolescentes, como sujeitos de direitos e pessoas em desenvolvimento. Alinhado com a doutrina da proteção integral e com a defesa dos direitos humanos, o trabalho Salesiano fundamenta a sua ação pedagógica no projeto original de seu Fundador, “o Sistema preventivo de Dom Bosco”, que inspira o trabalho em toda a sua extensão e profundidade. Busca sintonizar as propostas fundamentadoras de Dom Bosco com os avanços no campo dos direitos do adolescente e de seu atendimento no acolhimento institucional (abrigo).

Nesse sentido, é importante ressaltar a profunda identificação do projeto político-pedagógico Salesiano com a promoção, proteção e defesa dos direitos de crianças e adolescentes e, mais ainda, com os direitos de cidadania e os

direitos humanos, baseados na defesa intransigente da dignidade humana. A visão cristã também elege a dignidade humana como valor que fundamenta toda a atuação junto ao ser humano, o que engloba o atendimento ao adolescente na situação de vulnerabilidade social.

“Ser o rosto misericordioso do Pai no trabalho com meninos de rua” é ser “colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove”, e tudo isso só é possível quando identificamos que “em todo jovem, mesmo no mais infeliz, há um ponto acessível ao bem, e a primeira obrigação do educador é buscar esse ponto, essa corda sensível do coração, e tirar bom proveito”.

O trabalho com meninos de rua significa, para nós, acolher o adolescente como ele é. E é através da nossa ação pedagógica que sua vida irá se transformar, adquirir novos valores e construir um novo projeto de vida.

No nosso trabalho somos chamados a ser reveladores do rosto de Deus aos jovens. Para Dom Bosco, os seus seguidores devem se tornar portadores do amor de Deus aos jovens.

VÂNIA APARECIDA SOBREIRA*

* **Vânia Aparecida Sobreira** é assistente social no programa Casa Dom Bosco/Salesianos e integrante da Coordenação da Frente de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente de Minas Gerais.

Biografia da Serva de Deus Irmã Benigna Victima de Jesus

As terras mineiras testemunharam muitos fatos da singela manifestação de Deus na história do povo brasileiro. Em Diamantina-MG, muitos tesouros foram extraídos de sua cultura, de suas rochas, e Deus escolheu esse solo abençoado para garimpar a docilidade da santidade.

Joaquim Antônio dos Santos e Eulália dos Santos formaram uma família modesta, onde o trabalho, a dignidade e a religiosidade eram alicerces na educação de seus nove filhos. A alegria da convivência, o acolhimento e as canções seresteiras compunham a essência desse lar.

No ano de 1907, em pleno inverno, nasceu Maria da Conceição dos Santos, no dia 16 de agosto. Como pedra preciosa, seu coração se preparava para irradiar a luz do Senhor.

Dois anos depois, aos quarenta e quatro anos, Eulália faleceu, deixando o legado de que Nossa Senhora seria a grande protetora e mãe de seus filhos. Joaquim permaneceu viúvo e criou os filhos num ambiente de fé, simplicidade e alegria. Na profissão de pedreiro era conhecido como homem digno e trabalhador, e assim obteve o sustento de seus filhos e testemunhou-lhes a essência dos valores cristãos.

A escuta da Palavra de Deus era como seiva que alimentava e iluminava os passos da família Santos. Maria da Conceição tornou-se uma jovem comunicativa, aprendeu a tocar piano, violão, acordeão e encantava a todos com sua alegria. Desde a mais tenra idade participava ativamente na comunidade e desfrutou dos ensinamentos da catequese, corações, festas religiosas, procissões, terços e encontros do movimento das “Filhas de Maria”.

Em 1920 concluiu o curso primário. Seu jovem coração era dedicado e generoso. Encontrou espaço para evangelizar dando aulas de violão e catequese. Seu olhar se compadecia com o sofrimento alheio e os gestos de solidariedade se tornavam cada vez mais necessários. Deus encontrou um terreno fértil para depositar a semente da vocação.

Envolvida pela ardente aspiração de servir a Deus, com simplicidade, procurou em sua cidade uma Congregação e manifestou sua sincera vontade de dizer sim ao Senhor. Por ser de origem negra, o convento não lhe abriu as portas. Seu coração confiante no tempo de Deus não desistiu do sonho e dedicava-se ainda mais às atividades da igreja e ao trabalho como costureira, auxiliando nas despesas de sua humilde família.

Os anos se passaram, mas o chamado de Deus era vital em seu coração. Dom Carlos Carmelo Vasconcelos Motta (Cardeal), amigo da família e, na época, Bispo Auxiliar de Diamantina, tomou ciência do ocorrido e apresentou-a à Congregação das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade, fundada por Mons. Domingos Evangelista Pinheiro em 1892, aos pés da Serra da Piedade, em Caeté-MG. Esta possuía como primórdios de seu carisma fundacional a acolhida e promoção dos negros em nossa sociedade.

Recebida com fraterna acolhida, Maria da Conceição dos Santos iniciou sua caminhada na Vida Religiosa em 1934, aos 27 anos de idade. Madre Carmelita do Coração de Jesus, uma das cofundadoras dessa Congregação, mantinha a fidelidade ao carisma e a recebeu com igualdade e respeito.

No ano seguinte, ao comemorar a festa de Nossa Senhora de Lourdes, aos 11 de fevereiro de 1935, recebeu o hábito religioso e iniciou a caminhada do Noviciado. Os tempos eram difíceis e as condições, precárias para todas as Irmãs. Assim, o duro trabalho e a abnegação eram virtudes necessárias para o coração das Irmãs Auxiliares. A Serva de Deus não media esforços e sabia que os desafios eram parte do minucioso processo de lapidação que Deus fornecia aos corações. Com sua alegria contagiante e com seu violão animava os recreios e enriquecia os momentos litúrgicos.

Em 19 de março de 1936, festa de São José, professou os Primeiros Votos Religiosos de Pobreza, Castidade e Obediência. Sua missa de profissão foi presidida por Dom Carlos Vasconcelos Motta e, nesse dia, Maria da Conceição dos Santos recebeu solenemente o nome de Irmã Benigna Victima de Jesus.

Enviada para Itaúna-MG, iniciou seu apostolado junto aos doentes e necessitados da “Santa Casa de Misericórdia”. Aprendeu o ofício de técnica de enfermagem e não deixou de levar aos doentes palavras de conforto e canções de alegria. Gradativamente reconheciam suas virtudes e sua fé. Inúmeras pessoas a procuravam por sua caridade, suas palavras de conforto, buscando alívio das necessidades materiais, dores físicas e espirituais.

Em janeiro de 1941, Irmã Benigna Victima de Jesus fez os seus Votos Perpétuos. Inundada pelo Espírito de Deus, dedicou-se ainda mais ao serviço dos pobres e necessitados. Seu testemunho religioso, sua doação apostólica coerente e sua crescente caridade tornaram-na um exemplo de consagrada, e em 1943 foi escolhida para ser a superiora da Comunidade de Itaúna-MG. Trabalhou e construiu uma maternidade, cujo objetivo era auxiliar as mães carentes. Orientava sobre os cuidados físicos e os valores da fé indispensáveis para a construção da dignidade humana. A vida fraterna era enriquecida com os conselhos e ensinamentos sobre a ética profissional. A partilha de dons acontecia nas orações, cantos, dores e alegrias que a comunidade vivenciava.

Irmã Benigna sabia que a pedagogia de Deus utiliza o caminho da cruz e aos poucos percebeu o peso das inúmeras provações. Em 1946, a falta de estudos e a discriminação racial se fizeram presentes de forma imperativa; no entanto, o apego às orações e a confiança na infinita misericórdia de Deus foram bálsamos que fortificavam sua fé.

Em 1947, sofreu uma terrível calúnia, pautada em falsas acusações. Deixou de ser superiora e foi transferida, por decisão do Governo Geral, para a Casa Mãe. Impedida de receber visitas e de exercer seu trabalho pastoral, Irmã Benigna exercitava a virtude da resignação e se entregava nas

mãos de Deus. Constantemente afirmava que Nossa Senhora era sua advogada e que tudo se esclareceria. De fato, seu caso foi julgado e esclarecido publicamente.

Nesse tempo, a Superiora da Casa Mãe era uma Irmã muito generosa, de atitudes serenas e olhar misericordioso. Ciente da preciosa vocação da Irmã Benigna e das inúmeras necessidades das pessoas que a procuravam, deixava silenciosamente que ela acolhesse os visitantes e muitas vezes, quando não era possível autorizá-los, os orientava a declarar um grau de parentesco. Assim, o povo descobriu a casa que abrigava a Irmã que levava alívio, esperança, bondade e alegria aos corações. Sutilmente emanava de suas atitudes de humildade e profunda fé a fama de santidade.

Em junho de 1950, foi transferida para o Asilo e Hospital de Lambari-MG. Na enfermaria aliviava as dores físicas com as prescrições deixadas pelos médicos e aliviava as dores da alma com seu jeito alegre de levar a Palavra de Deus.

Em 1955, morou no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, situado na Cidade de Lavras-MG. Atendia a todos que a procuravam, seja pessoalmente, seja por telefone. A grande procura dos fiéis em busca de orações e graças especiais rompia a estrutura da comunidade e as transferências foram inúmeras. Nos hospitais, escolas e asilos a presença da Serva de Deus não passou despercebida.

Durante o plantio, era comum que os agricultores levassem a Irmã Benigna nas lavouras para fazer orações e abençoar a colheita. Certa vez, um fazendeiro chegou à casa das Irmãs com uma vasilha cheia de marandovás mortos, para expressar sua gratidão diante da oração da Serva de Deus que salvou os frutos de seu trabalho.

Convidada para compor a comunidade do Lar Augusto e Silva, situada em Lavras-MG, em 1966, Irmã Benigna aguçou seu ardor missionári

as tribulações com resignação e alegria, é um sinal de santidade.

O sonhado Processo de Beatificação da Serva de Deus Irmã Benigna Victima de Jesus foi aberto no dia 15 de outubro de 2011, na capital mineira, sob o zeloso olhar do Excelentíssimo Senhor Arcebispo Metropolitano de Belo Horizonte, Dom Walmor Oliveira de Azevedo.

Percebemos, em cada etapa do processo, que a santidade está perto de nós. É o generoso convite de Cristo que nos interpela: “Sede santos como vosso Pai Celeste é Santo” (Mt 5,48). Irmã Benigna compreendeu a urgência desse apelo e descobriu a simplicidade que envolve esse compromisso. Ela dedicou, sem reservas, toda a sua história para servir a Deus com imenso amor e contou incessantemente com a carinhosa intervenção de Maria, a Senhora da Piedade.

JÉSSICA LUANA DE SOUZA*

* **Jéssica Luana de Souza** é Irmã da Congregação das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade. **E-mail da autora:** jls.irjessica@gmail.com.

E o mistério se fez em Maria...

E através de Maria podemos fazer a experiência do mistério!

Mistério plasmado, gerado em seu coração

como abertura, acolhimento, configuração!

O Espírito aninhou-se em seu ser

e numa simbiose encantadora

seu corpo de Mulher fez, numa explosão fecunda e silenciosa,

acontecer a manhã sonhada e desejada por tantos:

no chão da humanidade surge o Embrião Divino –

nova forma de relações,

encontro do Divino com o humano,

encontro do céu com a terra.

“Ave, Maria, cheia de graça...” Era a voz do anjo!

E pelo “Sim”, sobretudo pelo assumir conscientemente esse “Sim”,

o mistério se fez em Maria, e através de Maria

podemos fazer a experiência do mistério!

O mistério presente na concepção do Filho!

O mistério que permanece no nascimento da Igreja!

O mistério que Maria acolheu da mesma forma, em todos os momentos,

como dom, criatividade, adesão, resposta, compromisso...

Mistério de Maria e do Espírito Santo!
 Proximidade que nos reconduz à proximidade do Espírito
 com a Igreja
 e de Maria com a Igreja (Vaticano II).
 Através de Maria, a comunidade de crentes
 é chamada a viver esse mistério de comunhão,
 porque ela é reconhecida como membro singular da Igreja,
 como seu
 tipo e modelo excelente na fé e na caridade (LG 53).

Maria nos ajuda a revelar o mistério...
 Através do Espírito, pode livremente dialogar com Deus.
 É Deus quem fala, quem interpela, quem toma a iniciativa...
 É Maria e, juntamente com ela, a Igreja e toda a humani-
 dade que escuta,
 que responde, que aceita...
 Maria dialoga na fé, na esperança e na caridade com a Trin-
 dade (cf. Balthasar).

Em Maria, depois de Cristo, podemos contemplar todo o
 esplendor da nova criatura plasmada pelo Espírito criador
 de Deus.
 E assim todo homem, toda mulher é possibilidade de trans-
 parência divina (cf. Pikaza).

E não só isto!
 Em Maria a dimensão feminina do ser humano recebe o seu
 significado e o seu valor adequados,
 já que, em Maria, o feminino é elevado a sinal concreto do
 rosto materno de
 Deus, e do seu amor pelas criaturas (cf. Boff).

Revelando a maternidade de Deus,
 através do Espírito, Maria revela o seu nome!
Sim, o seu nome é Graça!

No seu nome podemos sentir e perceber
 o seu pessoal e fundamental carisma,
 aberta e obediente ao Espírito.

Seu nome revela que Deus conserva por ela,
 e, por que não dizer?, por toda a humanidade,
 sua abundante complacência,
 porque ela é a cheia de graça...
 Aquela que vive da graça e que livremente pode
 aderir ao querer de Deus, pode deixar-se plasmar pelo Es-
 pírito Santo,
 a fim de gerar na sua carne o Filho de Deus.

Maria é a criatura nova!
 É a nova criação, restabelecida pela força do Espírito Santo.
 Por isso, ela soube corresponder gratuitamente à
 gratuidade de que é adornada.
 Sim, porque sua adesão na fé, esperança e caridade
 é antecipação da plenitude escatológica.

Maria é ícone do Espírito Santo!
 E, por isso, nos revela a
 abertura a uma síntese de gratuidade.
 Através da sua beleza, revela a toda a humanidade
 a gratuidade inefável do Espírito.

*E o mistério se fez em Maria...
 E através de Maria podemos fazer a experiência do mistério!*

O mistério do nome de Graça de Maria!
 Porque ela não só é sinal do dom do Espírito, mas a tradu-
 ção do dom.
 É o dom da Igreja a manifestar a cada um(a) de nós a vocação
 originária que o Espírito Santo nos dá como dom (cf.
 Militello).

Por isso, podemos repetir com sua prima Isabel:
“*Bem-aventurada aquela que acreditou,
porque vai acontecer o que o Senhor lhe prometeu*” (Lc 1,45).

MARIA DO DISTERRO ROCHA SANTOS*

* **Maria do Disterro Rocha Santos**, FCIM, é membro da Diretoria da CRB no triênio 2013-2016.

Intercongregacionalidade: novos caminhos são possíveis

A intercongregacionalidade foi uma experiência vivida por cinco anos que marcou profundamente a minha vida como mulher consagrada – Pia Mestra de Rosa Venerini. Essa vivência fez-me conhecer um novo modo de servir os preferidos de Deus através da partilha da vida, dos dons pessoais e dos carismas.

Na intercongregacionalidade constatei que há um só caminho – Jesus Cristo. Experimentei com mais intensidade que Jesus Cristo é a fonte de todas as congregações. Mesmo nascendo em épocas e realidades diferentes, a inspiração do espírito às suas fundadoras e fundadores foi para dar resposta a uma determinada realidade de sofrimento em que o Povo de Deus vivia.

Cada congregação internaliza um aspecto típico da pessoa de Jesus: Jesus Mestre, Jesus Crucificado, Jesus Ressuscitado, Jesus Bom Pastor e tantos outros. Sabemos que é impossível uma congregação manifestar integralmente a pessoa de Deus-Jesus Cristo à humanidade, por isso há infinitudes de congregações e grupos que foram chamados a manifestar a presença de Deus no meio da humanidade sofrida.

A intercongregacionalidade foi para mim uma experiência forte de amor e partilhada com cada congregação na pessoa da Irmã que integrou a comunidade intercongregacional. Vivenciamos momentos de partilha dos carismas, nas celebrações da festa das(os) fundadoras(es), nos *banners* com o nome de cada congregação, na ornamentação do jardim com pedras escritas com o nome das congregações, na oração diária cada dia conduzida por uma Irmã. Com muita sabedoria e devoção cada uma trazia algo de seu carisma e envolvia a comunidade, até mesmo uma ladainha foi feita.

Experimentei também, no começo da missão intercongregacional, o mesmo temor de Moisés quando Deus se

revelou a ele (Ex 3,7ss): “Eu vi, ouvi a miséria do meu povo e desci para libertá-lo, agora vá!”. E Moisés (Ex 4,13) respondeu: “Senhor, eu não tenho facilidade para falar, minha boca e minha língua são pesadas”. Não era suficiente só o meu “sim”. Minha congregação não tinha como afrontar a realidade tão gritante do Haiti, onde mais de 80% de duas cidades, além da capital, havia descido ao chão, com mais de trezentas mil pessoas mortas e tantas deficientes. A fome, a doença... gritavam por mais vida. Minha congregação sozinha não daria resposta a tal desafio. Diante da pequenez da realidade de Moisés, Deus diz: “Você tem o seu irmão Aarão, o levita, ele falará ao povo em seu lugar” (Ex 4,14ss).

Deus apontou o trabalho em grupo para juntas irmos aonde ele estava enviando. Aprendemos isso também com Jesus (Mt 10,5ss) quando chamou mulheres e homens de diferentes classes sociais, raças, culturas e enviou-as(os) com a seguinte missão: “O Reino de Deus está próximo, vão, curem os doentes, ressuscitem os mortos, purifiquem os leprosos e expulsem os demônios”.

Graças à união das congregações, dos leigos, da igreja do Brasil, passei cinco anos na missão intercongregacional, projeto pensado e executado por várias irmãs que se revezam e se completam com suas riquezas e pobreza. Nossas ações estavam voltadas para um objetivo comum – salvar vidas. Então, sentar para planejar as ações para o dia seguinte era a regra básica.

Concluo afirmando que me senti uma entre as outras. Isso me deu muita alegria e estímulo para contribuir da melhor forma possível na missão. Aprendi a reconhecer nas minhas irmãs o seu potencial, o valor humano que cada uma trazia. Graças à riqueza dos carismas, autoafirmou-se em mim o sentido de pertença à minha congregação, pois agora tenho uma visão mais ampla do seguimento de Jesus respondendo ao apelo: “Ide e anunciai que o Reino de Deus está próximo”. Continuo aberta para prosseguir na dinâmica da intercongregacionalidade, pois esta iniciativa é a força para chegar aos mais excluídos.

* **Maria Marcelina Xavier** é Irmã do Instituto Pias Mestras de Rosa Venerini. Comunidade Intercongregacional 2010-2016.

Irmãs Salvatorianas na Guatemala “lugar de muitas árvores”

As Irmãs do Divino Salvador (Salvatorianas) estão iniciando uma nova comunidade na cidade de San Pablo – Guatemala – América Central.

Um pouco de história

A palavra Guatemala se origina da palavra *Quauhtlemallan*, que significa “lugar de muitas árvores” no idioma *náhuatl* [em português: náuatle] (idioma de origem asteca).

Localizada na América Central, a Guatemala faz limites a oeste e a norte com o México, a leste com Belize e Honduras, ao sul com El Salvador, além de ser banhada pelos oceanos Pacífico e Atlântico (Mar do Caribe). O país possui território sujeito a terremotos e é cortado por duas cordilheiras, a Serra Madre e a Serra dos Cuchumatanes, com picos e vulcões que ultrapassam quatro mil metros de altitude.

Em termos étnicos, os mestiços representam 55% da população, ameríndios são 43% e brancos e outros são 2%. O catolicismo é a religião da maior parte da população. A língua oficial é o castelhano (espanhol).

A sociedade guatemalteca, desde a conquista espanhola, é dividida em dois grupos: por um lado, os descendentes de espanhóis, essencialmente urbanos; por outro lado, os indígenas de origem maia, que vivem em uma extrema pobreza nas terras pouco férteis. As desigualdades são gritantes entre as duas comunidades, e uma minoria monopoliza o essencial do poder político e econômico. A Guatemala ocupa o último lugar entre os países da América Central em matéria de desenvolvimento humano. A população guatemalteca vive em extrema pobreza, situação de miséria muito

818

presente entre os ameríndios de origem maia. A Guatemala, com 16 milhões de habitantes, apresenta a maior desnutrição crônica infantil da América Latina, que afeta 49,3% das crianças menores de cinco anos, e é uma das mais altas do mundo, segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef).

Com índice de desnutrição superior ao do Haiti, a Guatemala é o terceiro país mais faminto do mundo. Cerca de 60% da população não recebe os nutrientes mínimos para a manutenção da saúde. Além disso, 58% dos habitantes são pobres, 27% são muito pobres e 33% não têm sequer acesso a água potável, segundo dados da Agência *Fides*, ligada ao Vaticano. O índice de analfabetos é de 30,9%, só inferior ao do Haiti – com 41,7% –, conforme a Alfalit (organização cristã).

A Unicef aponta que a cada 1.200 partos/dia na Guatemala três mães falecem, três bebês morrem antes de cumprir um dia de vida, seis morrem antes de completar uma semana, quatro antes de um mês, 56 antes de um ano e 64 antes dos cinco. Tudo isso exclusivamente de causas que poderiam ser prevenidas e em um país que exporta alimentos. Das 1.067 crianças sobreviventes/dia, 55,38% terão a capacidade cognitiva comprometida – 591 bebês com irreversíveis danos no desenvolvimento intelectual, pois os danos envolvem o pensamento, a linguagem, a percepção, a memória e o raciocínio. A desnutrição crônica afeta grande parte da população, especialmente indígena, e faz com que o desenvolvimento físico e mental atrase nos primeiros anos de crescimento e nunca mais seja recuperado, resultando em adultos subnutridos com um coeficiente intelectual muito baixo.

Grande produtora de alimentos, a Guatemala ocupa atualmente o sexto lugar mundial em desnutrição crônica e aguda – o único país das Américas no grupo liderado por cinco países africanos –, enfermidade que alcança mais de 60% da população, com as comunidades indígenas sendo as principais afetadas.

Hoje, os maias e seus descendentes formam populações consideráveis em toda a área antiga maia e mantêm um conjunto distinto de tradições e crenças que são o resultado

819

da fusão das ideologias pré-colombianas e pós-conquista (e estruturado pela aprovação quase total ao catolicismo romano). Muitas línguas maias continuam a ser faladas como línguas primárias ainda hoje.

As *línguas maias* formam uma família linguística e são faladas na Mesoamérica e no Norte da América Central por mais de seis milhões de indígenas maias, sobretudo na Guatemala, México e Belize. Em 1996, a Guatemala reconheceu formalmente 21 línguas maias, e o México reconhece outras oito. Desenvolveram muito a matemática, com destaque para a invenção das casas decimais e o valor zero.

Hoje, sobrevivem em vários países da América Central cerca de quatro milhões de indígenas que falam algumas das 29 línguas maias e constituem uma população campesina, empobrecida e perseguida.

Missão Salvatoriana na Guatemala

Somos uma comunidade in (Tn)-10. Dapenin 1. (nm)-2-10. 10-10. 10(n)--

cultura pessoal, comunitária e provincial. Um jeito novo de ver o carisma e de compartilhá-lo conosco mesmas e com o povo a quem somos enviadas a conviver. É um tempo da graça e bondade de Deus para cada uma com certeza.

Experiência internacional

Da Colômbia, Hermana Yenfa Cira Palacios; dos Estados Unidos, Sister Elizabeth Segleau; do Brasil: Província Santa Catarina, Irmã Maria Jovelina Oliveira; Província São Paulo, Irmã Vera Lucia Palermo.

A internacionalidade nos possibilita dar um passo além do nosso mundo, além da nossa cultura e além das fronteiras que circundam nossas vidas. Estar disponível para responder ao apelo de Deus em qualquer lugar é, para nós, oportunidade de viver em plenitude a vocação de ser consagrada, na certeza de que somos consagradas para servir, pois Deus vê, ouve o sofrimento do povo e desce para estar presente no mundo de um jeito bem humano em Jesus Cristo (Jo 1,1ss; Ex 3,7ss).

Assim como Deus perguntou a Isaías, hoje pergunta a nós, missionárias Salvatorianas: “Quem irá por nós?”. E como Maria somos convocadas a dizer “SIM”: “Eis a serva do Senhor, faça-se em mim a tua vontade”. Dizer “SIM”, com a convicção de que somos pequenas e inacabadas, por isso o Senhor necessita realizar em nós sua ação transformadora.

E como Maria devemos sair às pressas, visitar o mundo levando em nosso ventre de mulheres consagradas a esperança de um mundo melhor, mais humano, fraterno e solidário, certas de que, para onde formos, Deus já nos antecede no jeito de o povo viver, ser e crer. Um mundo globalizado no amor, na solidariedade e na justiça, onde a voz dos empobrecidos se possa ouvir num grito uníssono que atravessa o mundo pedindo PAZ.

A Guatemala é mais uma oportunidade de responder ao apelo de Deus que nos convoca à missão e nos aponta o caminho através da pessoa Jesus Cristo, que, encarnado em

nossa humanidade, nos ensina a viver respeitando a cultura, a crença e o sagrado de cada povo tal como ele mesmo fez ao se tornar humano.

Experiência intercultural

A experiência de *inculturação na cultura de outros povos* é comparada a uma casa de pessoas desconhecidas. Não conhecemos as pessoas, a cultura, a área geográfica, os costumes. Ao sermos convidadas a entrar na casa, na cultura, na vida de outro povo, vamos com cuidado, observando tudo, conhecendo os cômodos e aprendendo o jeito de as pessoas se relacionarem, lidarem com as coisas e animais, com o trabalho. É como se não soubéssemos nada, tendo de aprender tudo novamente. É entrar na vida do povo deixando-se evangelizar por ele numa troca mútua de experiências, dando e recebendo.

Exige muita paciência e um esvaziamento de nós mesmas para deixar que o novo faça parte de nossa vida sem deixar morrer em nós a essência de nosso ser. Esvaziarmo-nos de nós mesmas, como fez Jesus, que não se prevaleceu de sua condição divina, mas fez-se Servo, Servidor de todos. Um esvaziamento semelhante ao de Maria, que acolhe a semente de Deus em seu Ventre Vazio e, gerando Deus em sua Vida, deixa vir a nós o Novo, a Esperança de um mundo melhor. Assim, Deus se faz carne e se incultura na cultura humana.

Experiência interespiritual

O que nos sustenta na missão é um grande ardor e amor missionário, fruto de uma mística que coloca Deus no interior da vida e da história. Sabemos que esse amor missionário não surge por si mesmo, mas a partir de uma profunda experiência de Deus, e de uma paixão vinda do coração pela vida e pela causa do Reino de Deus. Amor esse que suscita a vibração, o entusiasmo, a alegria e a coragem para

enfrentarmos qualquer tipo de conflito, dificuldade e ou perseguição.

Espiritualidade que brota da experiência mística e profética da contemplação da vida e missão de Jesus de Nazaré. Ele é o centro unificador de toda a nossa vida e missão.

Nossa Vocação é para a missão. Esse dom nós recebemos de Deus, por nossos fundadores, Pe. Francisco Jordan e Madre Maria dos Apóstolos. Eles nos deram a missão particular de fazer conhecer ao mundo “qual é a largura, o comprimento, a altura e a profundidade do Coração de Cristo, que tudo abraça, tudo compreende, tudo vivifica, tudo une e concentra em si” (cf. Ef 3,17-18). Esse foi e continua sendo o desejo de Pe. Francisco Jordan e Madre Maria dos Apóstolos para nós, Salvatorianas, “fazer conhecer Jesus a todos os povos”.

Jesus Salvador é o nosso *modelo* por excelência, no qual nos inspiramos em nossa maneira de ser, viver e servir. Jesus nos revela o imenso amor do Pai que quer que todas as pessoas sejam livres de qualquer sofrimento que escraviza e as impede de viver como filhas de Deus. Ele é Amor Misericordioso por excelência, que serve amando e ama servindo. Em Cristo se revela a Glória de Deus, que é amor e que se encarna para melhor tornar a pessoa humana (Jo 1,1-14).

Experiência inter-humana

Jesus continua a nos chamar para a missão. “Jesus subiu ao monte e chamou os que desejava escolher. E foram até ele. Então Jesus constituiu o grupo dos Doze, para que ficassem com ele e para enviá-los a pregar” (Mc 3,13-14). As instruções que ele nos passa são as mesmas que foram passadas aos(às) primeiros(as) discípulos(as): “Vão pelo mundo inteiro e anunciem a Boa Notícia para toda a criatura” (Mc 16,15).

Jesus não chamou os que já estão prontos, mas os que se abrem à sua ação transformadora. As pessoas que estão disponíveis e dispostas a caminhar apesar de suas fragilidades e debilidades humanas.

É Jesus quem nos procura: “Não foram vocês que me escolheram, mas fui eu que escolhi vocês” (Jo 15,16). Se ele nos chama, dá também as graças necessárias para o seguir no início e ao longo de nossa vida. A centralidade de nossa vida e missão é Jesus de Nazaré, e a espiritualidade que sustenta a nossa missionariedade é a da peregrinação e itinerância em busca do Reino de Deus, que é vida digna para toda a humanidade.

Comunidade missionária

A missão é parte integrante da vida Salvatoriana. Ela perpassa toda a nossa vida de consagradas, sem limite de idade ou situações. Não se restringe às atividades apostólicas, mas à participação do projeto de Jesus de anunciar o Reino de Deus, na dinâmica que vai de Belém à Ressurreição, passando por Nazaré, pela vida pública de Jesus e pela cruz.

Sites pesquisados

Origem: *Wikipédia*, a enciclopédia livre:

<<http://www.ipsnoticias.net/portuguese/2011/10/america-latina/guatemala-a-desnutricao-rouba-a-saude-dos-mais-pobre>>

<<http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=PT&cod=77288>>.

VERA LUCIA PALERMO*

* **Vera Lucia Palermo** é missionária Salvatoriana.
E-mail da autora:
veraluciapalermo@gmail.com.

Irmãs Sacramentinas de Bêrgamo

70 anos de presença no Brasil

Jesus, amar-te e fazer-te amado!

Celebrar 70 anos de presença no Brasil é lançar democraticamente o olhar para a história que construímos, para os horizontes que se descortinaram, para as vidas que nos marcaram e para as presenças que se tornaram verdadeiros presentes de Deus, ao longo do caminho. Celebrar é dizer: “*Abbá*, muito obrigada!” É reconhecer: “Até aqui o Senhor nos ajudou” (1Sm 7,12).

O caminho percorrido inicialmente foi sinuoso, exigiu coragem, audácia, firmeza, confiança e fidelidade ao carisma herdado de Santa Gertrudes Comensoli.

“Jesus, amar-te e fazer-te amado” foi o lema da vida de nossa Fundadora. Para alcançar essa meta ela enfrentou e superou desafios, mantendo-se fiel à inspiração de fazer com que Jesus, presente na Eucaristia, fosse conhecido, amado e adorado.

Não vos peço nenhuma outra graça a não ser a de vos amar e fazer com que sejais amado! Sim, meu Jesus. Estou pronta para qualquer coisa, contanto que vos veja amado e honrado no vosso Sacramento de amor (*Gli Scritti*, p. 72).

Em 1882, juntamente com o bem-aventurado Francesco Spinelli, Santa Gertrudes fundou o Instituto das Irmãs Sacramentinas de Bêrgamo, seguindo as orientações recebidas do Papa Leão XIII, que, incentivando seu zelo eucarístico, orientou-a, também, a abraçar a educação da juventude, sobretudo os menos favorecidos.

Em 1º de junho de 1946, partiram da Itália rumo ao Brasil quatro irmãs, juntamente com a senhora Lavínia Guimarães, que havia solicitado à Santa Sé a indicação de um instituto religioso que lhe pudesse ceder quatro religiosas para ajudá-la, por três anos, a organizar e administrar um convento de clausura que desejava fundar no estado do Rio de Janeiro. O Instituto aceitou o convite, considerando que tal oportunidade era providencial para sua expansão.

Depois de aproximadamente vinte dias de viagem, o grupo chegou à cidade do Rio de Janeiro. Em 29 do mesmo mês rumou para a cidade de Correias, no estado do Rio de Janeiro, onde deveria iniciar o trabalho.

Devido a uma série de dificuldades, o projeto não se concretizou e as irmãs foram dispensadas. Assim, as quatro irmãs ficaram sozinhas em uma terra desconhecida, sem casa, sem trabalho e sem recursos suficientes para sobreviver. Nesse período de insegurança, foram acolhidas pelas Irmãs Vicentinas, enquanto procuravam trabalho e uma forma de se estabelecerem no Brasil. A oportunidade de se radicarem em terras brasileiras surgiu com o convite dos Padres Sacramentinos de São Julião Eymard para se transferirem para Belo Horizonte, onde foram, novamente, hospedadas pelas Irmãs Vicentinas que trabalhavam em um pensionato naquela cidade.

Nesse período, uma senhora chamada Emília Gaetani tomou conhecimento da necessidade das Irmãs Sacramentinas de encontrar um ponto de partida para desenvolver uma atividade e as indicou para trabalhar numa instituição cuja finalidade era atender crianças e jovens pobres e/ou abandonados. Assim, iniciou-se a primeira comunidade Sacramentina no Brasil.

A perseverança e a resistência diante das adversidades, a esperança e a confiança na Providência Divina, a força haurida na oração adorante sustentaram aquelas mulheres intrépidas na concretização do sonho de Santa Gertrudes para sua família religiosa. Assim exortava suas filhas: “Oh, se pudéssemos nós, vossas adoradoras, ser as incendiárias, sim, as incendiárias deste fogo celeste!”¹

Posteriormente, muitas outras irmãs se juntaram às primeiras que aqui chegaram para sustentar, expandir e irradiar o amor celebrado e contemplado, diariamente, na adoração eucarística. Muitas jovens sentiram-se atraídas, chamadas para ingressar na Congregação, dando vida ao lema de Santa Gertrudes por meio do serviço da adoração e da educação em terras brasileiras.

Atualmente, estamos presentes em quatro estados brasileiros, atuando em diversos campos de missão. Temos a alegria de poder contribuir com a missão além-fronteiras, com irmãs brasileiras atuando em outros países da América Latina, em alguns países africanos e na Itália.

A missão de tornar Deus presente no mundo permanece como objetivo do nosso ser e do nosso agir de Irmãs Sacramentinas de Bérghamo, a fim de que todas as pessoas possam encontrá-lo e descobrir a força transformadora do seu amor e da sua verdade. Sentimos, de modo especial, o apelo para evangelizar, educando e entendendo que, mais do que as atividades específicas da educação, é a nossa vida de mulheres consagradas, como sinal profético do Reino, que se torna um recurso educativo para o Povo de Deus. O empenho educativo é, para nós, uma forma de caridade fraterna, sobretudo em relação aos mais jovens e mais pobres, pois acreditamos que a educação é um instrumento de mudança. Nos passos do grande educador Paulo Freire, acreditamos que a educação muda as pessoas, e as pessoas transformam o mundo.

Enquanto educamos, faz-se necessário, também, deixarmos educar por Jesus: por sua Palavra, seus gestos, suas atitudes, decisões e opções. Na escola de Jesus aprendemos a nos revestir de mansidão, misericórdia, ternura, compaixão, solidariedade para nos aproximar, com reverência, de todos(as) aqueles(as) que encontramos ao longo do caminho ou dos quais saímos ao encontro.

A celebração desse evento tão significativo para nós é uma oportunidade ímpar de revigoramento, um convite a

olharmos para o passado com coração agradecido, um impulso a redesenharmos nossa presença, escutando e discernindo os sinais do tempo presente, pois o Senhor afirma: “Eis que estou fazendo uma coisa nova” (Is 43,19). É um estímulo para continuarmos caminhando, com o olhar fixo em Jesus, mantendo acesa a chama da esperança.

MARIA DO ROSÁRIO CALDEIRA*

* **Maria do Rosário Caldeira** é Irmã Sacramentina de Bérghamo, licenciada em História pelo Unicenro Newton Paiva, licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER) e pós-graduada em Coordenação/Supervisão Pedagógica pela PUC MINAS.
Endereço da autora: Rua Cláudio, 82, Bairro Industrial, Contagem-MG.
E-mail da autora: rosariocaldeira@gmail.com.

Por que Maria não teve mais filhos?

Virgem antes, durante e depois do parto! Com essa tríade dogmática assim definiu a Igreja, proclamou a patrística, rezaram os santos, cantaram os mártires, disseram os fiéis, consentiram os mariólogos. Contudo, não é pela definição dogmática que desejo tomar o ponto de partida deste ensaio. Antes almejo promover uma reflexão, para alcançar uma argumentação teológica. Muitos são os que perguntam se Maria teve ou não mais filhos além de Jesus. Há aqueles que utilizam as Sagradas Escrituras (Mt 13,55-56; Mc 6,3) para ponderar suas hipóteses. Também há outros que, isentos de fundamentos, propagam suas conclusões pessoais. Os exegetas compreendem a palavra irmão, utilizada no contexto bíblico – a partir da cultura judaica da época – como sendo um laço parental análogo ao consanguíneo, o qual se estende aos parentes próximos, como tios e primos; e, em alguns casos em particular, um amigo familiar. Outra interpretação da hipótese dos irmãos de Jesus se daria pelos possíveis meios-irmãos, filhos de um primeiro casamento de São José.¹ Transmissão fundamentada pelos Evangelhos apócrifos, originando a tradição de que José seria um homem velho quando desposou a jovem Maria.² Ainda que com todas essas afirmativas, podemos questionar: teria algo errado se Maria tivesse tido outros filhos? Os filhos não são graças que Deus concede aos pais? Que mal haveria se ela os tivesse? Alteraria algo na obra da salvação se ela os tivesse tido?

São questões que permeiam nossa mente. Parto do princípio de que Maria gerou apenas Jesus, como seu unigênito. Não por egoísmo ou individualismo, mas por amor, por

1 BOFF, Leonardo. *São José: o pai, o artesão e o educador*. Petrópolis: Vozes, 2012.

2 RAMOS, Lincoln (org.). *São José e o menino Jesus; história de José o carpinteiro/ Evangelho do Pseudo-Tomé*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

dedicação. Pois a plenitude do amor Ágape se dá no amor maternal entre – Mãe e Filho – Maria e Jesus. Ele se plenifica na relação da criança na manjedoura e sua mãe. Entre o jovem atencioso nas bodas e sua mãe. Entre o homem desfigurado no calvário e a mãe aos pés da cruz. Na alegria incomensurável de Maria ao saber que o túmulo estava vazio. Maria não teve outros filhos em vista da doação total e devotamento único a Jesus. Pois, caso ela tivesse outros filhos, assim como qualquer mulher – mãe – ela dividiria seu amor com os demais. Sendo, ao mesmo tempo, Mãe e Serva de seu Filho e de seu Deus, ela não poderia se dispensar de um amor total. O amor materno é um desses mistérios insondáveis existentes.

Maria compreendeu, por graça especial, a magnitude da encarnação do Verbo. Por isso, foi quem melhor entendeu Jesus e contemplou a obra da Salvação. Também São José colaborou no projeto de Deus, fazendo-se o provedor da casa de Nazaré. É nesse contexto que contemplamos a alcunha de Justo conferida a ele. José soube compreender e respeitar o *Fiat* de Maria. Há algo que muitos não contemplam, o *Fiat* de José. Competiu também a ele um “sim” autêntico. Como esposo, uma aprovação e sintonia ao projeto de Deus. Pois em todo relacionamento conjugal é necessária a tomada de decisão de ambas as partes, o consenso do casal. José também abriu mão de seus projetos particulares, ele se conformou – em seu sentido mais genuíno e etimológico: tomou forma – com a obra da Salvação. Culminando com o título de pai davídico do Messias.

Declarou Santo Atanásio: “José e Maria guardavam perpétua continência”.³ Maria e José plenificaram e concentraram, na totalidade, seu amor a Jesus. “Puríssima, na verdade, devia ser a Virgem que nos daria o Salvador.”⁴ Com devotamento e extremos de carinho, renunciaram a seus projetos particulares em vista do grande projeto da obra da Salvação. É partindo desse princípio que se compreende Maria, como

3 AQUINO, Prof. Felipe. *O glorioso São José*. 4. ed. Lorena: Cléofas, 2014. p. 59.

4 Prefácio: Maria e a Igreja. *Missal Romano*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2011. p. 716.

a mulher consagrada a Deus na pessoa de seu Filho. Etimologicamente, a palavra “consagrado” significa “aquele que é reservado ao Sagrado”. Gerando unicamente Jesus, Maria consagrou-se exclusivamente aos cuidados dele. Com clareza teológica expressou o Prefácio para Missa da Imaculada Conceição de Nossa Senhora: “A fim de preparar para o vosso Filho mãe que fosse digna dele, preservastes a Virgem Maria da mancha do pecado original, enriquecendo-a com a plenitude da vossa graça”.⁵ Os dogmas marianos são compreensíveis se contemplados a partir da seguinte ordem: é Virgem porque é Imaculada, é Imaculada porque é Mãe de Deus.⁶

Quando penso na eventualidade de outros filhos de Maria, questiono-me: como ela dispensaria amor e atenção a todos? Como serva fiel, seria possível dividir seu amor entre seu Filho (Deus) e outros demais em semelhante quantidade? Maria poderia amar a todos do mesmo modo? Não poderia ela se tornar uma mãe negligente? Maria, assim, como todas as moças de seu tempo, desejou uma prodigiosa e extensa família. Esse era o sonho de todas as moças de Nazaré. Ter muitos filhos era uma forma de sobrevivência da cultura judaica, era a compreensão da bênção de Deus (Sl 126,3). Do Deus que prometeu a Abraão uma vasta descendência (Gn 12,2-3). Descendência que chamará Maria “bem-aventurada” (Lc 1,48). Maria optou por eternizar o momento de sua gravidez, reservou todas as suas alegrias, realizações e dedicações maternas ao menino Jesus.

A incompreensão da doação total de Maria ao seu divino Filho ocorre porque estamos imersos em uma cultura hedonista, que busca o prazer e nunca o sacrifício; que renuncia à maternidade pela estética ou à gravidez pela independência feminista. Maria sacralizou cada acontecimento antes, durante e depois do parto; e assim eternizou o dogma da Virgindade Perpétua. Ela jamais compreenderia uma “mãe” abortista, negligente ou capaz de abandonar um filho. Para ela, os filhos são o que há de mais sagrado. Por isso ela cultivava uma relação afável com Jesus. Tudo leva a crer que, quando os olhos se cruzaram entre a mãe e o recém-nascido

5 Idem, *ibidem*.

6 OLIVEIRA, Prof. André Luiz. *Contemplando a Ladainha de Nossa Senhora*. Passos: Editora Offset São Paulo, 2010.

– enfaixado e deitado na manjedoura – tudo foi revelado, e Maria soube qual era sua missão. A delicadeza no preparo do enxoval, o primeiro olhar, a amamentação, os primeiros passos e a primeira vez que ele balbuciou “mamãe”..., tudo foi como o primeiro dia da criação. Antes de carregá-lo nos braços, Maria o carregou na mente e no coração. Tudo foi único na vida de Maria e Jesus; e assim ela o quis *sui generis*.

A Virgindade Perpétua de Maria não é somente castidade. É doação materna. É maternidade espiritual. Maria não teve mais filhos para que um dia seu único Filho pudesse, no alto da cruz, contemplar a humanidade órfã e dizer: “Mulier, ecce filius tuus” (Jo 19,26).

ANDRÉ LUIZ OLIVEIRA*

* **Professor André Luiz Oliveira** é graduado em Pedagogia pela Universidade Paulista, filósofo e escritor. É membro da Academia Marial de Aparecida e noviço da Congregação do Santíssimo Redentor. **E-mail do autor:** livro_prof_andre@hotmail.com.

Na escola de Maria, Mãe de Misericórdia

VINÍCIUS AUGUSTO RIBEIRO TEIXEIRA*

* **Vinícius Augusto Ribeiro Teixeira** é presbítero da Congregação da Missão – CM (Vicentinos ou Lazaristas). **E-mail do autor:** viniciusaugustocm@yahoo.com.br.

1 KASPER, Walter. *A misericórdia: condição fundamental do evangelho e chave da vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2015. p. 250. O autor dedica o último capítulo de sua obra magistral a *Maria, Mãe de Misericórdia*.

2 Cf. LAURENTIN, René. *Maria, testemunho della misericórdia*. VV.AA. *Parole di misericórdia*. Milano: Ancora. p. 62-64.

3 PAPA FRANCISCO. *Misericórdiae Vultus*; bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. São Paulo: Paulinas, 2015. Citaremos sempre a sigla MV, seguida do número correspondente. Nesta bula o Papa dedica quase todo o número 24 a *Maria, Mãe de Misericórdia*.

Na Sagrada Escritura, a misericórdia de Deus se reveste de feições marcadamente femininas e maternas, manifestando-se, reiteradamente, em proximidade, ternura, cuidado e benevolência (cf. Is 66,13; Os 11,8-9; Sl 131,2). Ninguém melhor do que Maria de Nazaré personifica e exprime o dinamismo da misericórdia que primeiro a envolveu. Com efeito, a fé no Deus misericordioso, recebida como herança do povo de Israel, plasmou toda a existência da Mãe de Jesus, impulsionando sua participação na obra salvífica da Trindade. Por isso, os Evangelhos outorgam a Maria lugar proeminente na história da salvação, história da misericórdia de Deus para com a humanidade. Os testemunhos bíblicos a respeito da Mãe do Salvador se consolidaram numa tradição rica e fecunda, capaz de inspirar e encorajar a missão da Igreja e a caminhada dos fiéis, chamados a ser “misericordiosos como o Pai” (Lc 6,36). Na consideração do Cardeal Kasper, “as escasas linhas sobre Maria que se encontram na Sagrada Escritura evidenciam que à mãe de Jesus corresponde uma posição importante e um significado singular na história de Deus com os seres humanos”.¹ Também no horizonte da misericórdia Maria refulge como sinal luminoso e exemplo estimulante, tanto por sua docilidade à graça quanto por suas atitudes de compaixão e solicitude. Na verdade, toda a sua existência, habitada pela Palavra, vivida em referência a Cristo e integrada à comunidade dos discípulos, recapitula e reflete o mistério da misericórdia.² Com Maria e a seu exemplo, podemos “fixar o olhar na misericórdia para que nos tornemos sinal eficaz do agir do Pai” (MV 3).³

1. Imagem viva do Evangelho da misericórdia

Preservada da mancha do pecado, *em previsão dos méritos de Cristo*, Maria experimenta a misericórdia do Senhor jorrandando com toda limpidez em sua condição humana (cf. Lc 1,28). Na simplicidade de sua vida, a graça de Deus sempre triunfou, firmando-a na missão de mãe e discípula de Cristo, peregrina da fé e do amor, em contínuo crescimento (cf. Lc 2,19). Maria Imaculada sinaliza que o pecado não pode frustrar o plano divino da salvação do gênero humano, visto que o mal não tem a primeira nem a última palavra sobre o mundo criado e sustentado pela misericórdia. No âmago de toda pessoa há uma fonte escondida de graça e santidade, da qual emana o frescor da vida divina. Em Maria, imagem do ser humano redimido, redescobrimos o caminho que conduz a essa fonte e vemos delineado o projeto original do Criador para todos os seus filhos adotivos, bem como o feliz destino que nos está reservado na eterna comunhão com a Trindade.

Maria é pura criatura. A misericórdia a envolve desde o ponto de partida, total e completamente. Ao longo de toda a sua vida, ela não cessa de receber em plenitude a misericórdia do Pai. Esta misericórdia se destina a introduzi-la no amor, um amor que possui uma nuance especial, porque, quando o amor de Deus é comunicado a uma criatura, assume necessariamente a forma de um amor de misericórdia. Maria nos é dada como mãe e modelo para que vivamos o mesmo mistério. Se compreendermos como Maria é essa obra-prima da misericórdia, teremos, de alguma forma, a chave para penetrar e viver todas as misericórdias do Pai.⁴

A eleita do Senhor reconhece sua dependência da graça e nela se apoia para dizer “sim”. Sua *inocência* não é apenas inexperiência do pecado, mas adequação progressiva de todo o seu viver aos desígnios daquele que a chamou, ou seja, esforço cotidianamente renovado para fazer da vontade de Deus seu único projeto de vida. A misericórdia do Altíssimo, por sua vez, torna possível o “sim” da Virgem

4 A riqueza dessa argumentação provém do Padre Marie-Dominique Philippe, OP, em sua obra reeditada: *Trois mystères de miséricorde*; Immaculée Conception, Présentation, Annonciation. Paris: Parole et Silence, 2000. p. 6-7.

e, mediante sua livre correspondência, cobrindo-a com a sombra do Espírito, realiza o mistério inaudito da encarnação do Verbo (cf. Lc 1,35). Assim, Maria se nos afigura como “a primeira que, diante da grandeza da misericórdia divina que lhe foi concedida gratuitamente, reconheceu sua pequenez, confessando-se a humilde serva do Senhor (cf. Lc 1,38)”.⁵ Conforme a tradição patrística, através de seu *fiat* Maria se torna a *nova Eva*. Enquanto a primeira, por sua desobediência, trouxe o pecado e o sofrimento à humanidade, Maria, por sua incondicional entrega, possibilita a entrada do Eterno no tempo e a graciosa oferta de sua salvação. O Senhor quis precisar do consentimento da fé e da liberdade de uma mulher para levar a cabo seu plano de misericordioso amor. E a mulher escolhida, crendo e obedecendo, fez-se totalmente disponível. Em uma de suas *Homilias em louvor à Virgem*, São Bernardo (séc. XII) discorreu admiravelmente sobre a adesão de Maria ao mistério de nossa redenção, vindo aí um primeiro lampejo de sua misericórdia para com a humanidade, abrindo caminho à salvação trazida por Cristo:

Ouviste, ó Virgem, que vais conceber e dar à luz um filho, não por obra de homem – tu ouviste –, mas do Espírito Santo. O Anjo espera tua resposta: já é tempo de voltar para Deus que o enviou. Também nós, Senhora, miseravelmente esmagados por uma sentença de condenação, esperamos tua palavra de misericórdia. Eis que te é oferecido o preço de nossa salvação; se consentes, seremos livres. Todos fomos criados pelo Verbo eterno, mas caímos na morte; com uma breve resposta tua, seremos recriados e novamente chamados à vida.⁶

A misericórdia, acolhida na profundidade de sua fé humilde, dispõe Maria a uma correspondência livre, generosa e responsável à graça que cumulou seu ser, em vista da missão que lhe seria confiada como mãe solícita e discípula exemplar do Salvador (cf. Lc 1,38). Continua Bernardo, o *doutor melífluo*, ao contemplar a cena da Anunciação:

Apressa-te, ó Virgem, em dar tua resposta; responde sem demora ao Anjo, ou melhor, responde ao Senhor por meio do Anjo.

5 PAPA FRANCISCO. *Mensagem para a Quaresma 2016*.

6 Ofício das Leituras do dia 20 de dezembro. Tempo do Advento.

Pronuncia uma palavra e recebe a Palavra; profere tua palavra e concebe a Palavra de Deus; dize uma palavra passageira e abraça a Palavra eterna [...]. Abre, ó Virgem santa, teu coração à fé, teus lábios ao consentimento, teu seio ao Criador [...]. Levanta-te, corre, abre. Levanta-te pela fé, corre pela entrega a Deus, abre pelo consentimento. “Eis aqui”, diz a Virgem, “a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38).

Em face do mistério que a envolve, Maria “demonstra sua total disponibilidade passiva, tanto quanto sua disposição ativa para colaborar na obra da salvação”.⁷ A Virgem se torna, desse modo, a Arca da Aliança entre Deus e a humanidade, uma aliança de pura misericórdia, porque fundada em um amor gratuito. Na eleição de Maria, portanto, contemplamos, admirados, a predileção de Deus pelos pequenos e pobres, sua incontida atração pela humildade dos que confiam sem pestanejar. E precisamente “este amor preferencial por toda categoria de sofredores, chama-se misericórdia”.⁸ Ultrapassando todas as pretensões e expectativas humanas, o Senhor escolhe e capacita a humilde jovem de Nazaré para ser canal e instrumento da plenitude de seu amor compassivo, sumamente manifestado na encarnação de seu Filho (cf. Gl 4,4). As origens modestas de Maria nos reportam a um povo desprovido de recursos econômicos e culturalmente desconsiderado. Seu cotidiano era, certamente, o de toda mulher simples e trabalhadora de uma aldeia sem projeção social. Assim, Maria confirma que, em seus insondáveis desígnios de misericórdia, Deus se compraz em servir-se do aparentemente insignificante para realizar grandes coisas em favor de seu povo (cf. Mq 5,1-3; 1Cor 1,26-31). “Deus ter escolhido e capacitado Maria através da graça, enquanto ser humano e enquanto jovem e simples mulher, para ser instrumento da misericórdia só a ele devida e só a ele possível, é, uma vez mais, expressão da misericórdia divina que ultrapassa todas as expectativas e pretensões humanas.”⁹

Ninguém conheceu tão profundamente como Maria o mistério da misericórdia encarnada na pessoa de Jesus Cristo. Habitada pela “misericórdia feita carne” (MV 24)

7 KASPER, *A misericórdia...*, p. 251.

8 MATOS, Henrique Cristiano José. *No movimento da misericórdia; aproximação ao coração da espiritualidade cristã*. Belo Horizonte: O Lutador, 1996. p. 107.

9 KASPER, *A misericórdia...*, p. 252.

10 Para uma interpretação do *Magnificat* em chave propriamente mariológica, vale consultar: PERETTO, Elio. *Magnificat*. In: *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 812-822.

11 Citado em: MATOS, *No movimento da misericórdia...*, p. 101. R. Laurentin abre seu artigo “Maria, testimonie della misericórdia” [“Maria, testemunha da misericórdia”] com esta ilustrativa constatação: “O tema da misericórdia é, acima de tudo, reconciliador. É o que descobrimos quando percebemos como um possível tema de divisão entre os cristãos – a Virgem Maria e seu papel na história da salvação – pode ser tratado usando as palavras de Martinho Lutero, sem que isso suscite uma das mais vivas polémicas entre protestantes e católicos. Talvez o tema da misericórdia seja o tema dominante em Lutero quando fala da Virgem Maria, aquela que recebeu, reconhece e canta, de modo sublime, a Misericórdia que a exaltou” (p. 58).

e coberta pela sombra do Espírito (cf. Lc 1,35), a Virgem de Nazaré faz de sua vida um hino de gratidão àquele que “estende sua misericórdia de geração em geração” (Lc 1,50), estabelecendo a justiça, defendendo os humildes, promovendo os deserdados e abraçando todos os tempos e toda a humanidade. O *Magnificat* é, a um só tempo, canto de louvor, esperança e profecia; releitura da história de Israel como uma história de misericórdia; profissão de fé que deixa entrever a riqueza interior de Maria e os frutos de sua adesão à vontade de Deus.¹⁰ Ao proclamar a abundância da misericórdia do Senhor para consigo (cf. Lc 1,46-49), sua gente (cf. Lc 1,54-55) e a humanidade inteira (cf. Lc 1,50-53), Maria se nos apresenta como legítima porta-voz dos sentimentos dos pobres de Israel, que colocam na fidelidade de Deus toda a sua confiança e dele esperam a consolação e a força de que precisam para viver e agir (cf. Sl 25; 31; 55), à diferença dos soberbos, poderosos e ricos, os quais, obscurecidos pela autossuficiência, pela arrogância e pela mesquinhhez, não advertem a necessidade que têm de misericórdia e, por isso, não se expõem à sua luz benfazeja. Ninguém menos do que Martinho Lutero († 1546) afirma que, em seu *Magnificat*, verdadeiro hino de misericórdia, Maria aparece diante de todos como

prova viva da misericórdia de Deus. Seu desejo mais vivo é estimular as almas a amar a Deus, a louvá-lo e a entregar-se à sua Providência. Todas as almas deveriam poder dizer, cheias de confiança: “Virgem Santa, Mãe de Deus, como é consolador para nós ver que, por sua exclusiva bondade, Deus olhou para tua humilde condição e para teu nada! Tu nos dás a esperança de que Deus nos há de tratar um pouco como te tratou e lançará também sobre nós um olhar benigno, apesar de nossa miséria e indignidade”.¹¹

Na solicitude de Maria para com Isabel transborda a misericórdia que se irradia de seu coração virginal e se expressa em gestos de compaixão e solidariedade, em atitudes de caridade discreta e audaciosa (cf. Lc 1,39-40). Não é à toa que o episódio da Visitação continua inspirando e encorajando

os cristãos a sair de si mesmos e a caminhar na direção dos que mais precisam.¹² Maria não apenas hospeda a misericórdia como também a transmite por onde passa e a quem se dirige, entendendo e vivendo o dom da maternidade divina na perspectiva da missão e do serviço, associando-se sempre mais estreitamente ao mistério da salvação trazida por Cristo. Receptiva e grata pelo dom recebido, Maria entra no movimento da misericórdia, com o coração, as mãos e os olhos abertos para o Senhor e para os outros. O fatigante caminho percorrido pela Mãe do Messias, caminho que levava de Nazaré a Ain-Karim, onde viviam Isabel e Zacarias (cf. Lc 1,39), corresponde ao percurso feito por Davi ao transportar a arca da Aliança de Judá a Jerusalém (cf. 2Sm 6,2). A mesma estrada será palmilhada por Jesus em direção à cruz (cf. Lc 9,51). Três itinerários de misericórdia, nos quais o coração de Deus se abre e se oferece à humanidade como dom de amor e reconciliação. No ícone da Visitação, Maria resplandece como germen da Igreja, chamada a nutrir-se da graça compassiva do Senhor e a testemunhá-la, colocando-se a serviço de todos, em atitude de fraternal misericórdia.¹³

Certamente, a confiança de Maria nas promessas de Deus e sua sensibilidade humana foram decisivas na definição da personalidade de Jesus de Nazaré. Por outro lado, como seguidora fiel de seu Filho, acompanhando seus passos e meditando sobre tudo o que dele via e ouvia (cf. Lc 2,19.51), Maria assimila gradualmente a misericórdia superabundante do coração de Cristo. Nos gestos e nas palavras de Jesus, sua mãe podia contemplar e perscrutar o amor misericordioso que a tinha escolhido e que revigorava seu “sim” a cada instante de sua trajetória, especialmente nos momentos de incerteza, tribulação e dor, que não foram raros. Bastaria lembrar a falta de hospitalidade em Belém (cf. Lc 2,7), a fuga para o Egito (cf. Mt 2,13-15), a perda do menino em Jerusalém (cf. Lc 2,45), o espanto diante da missão de Jesus na Galileia (cf. Mc 3,21), a noite escura junto à cruz (cf. Jo 19,25) etc. Desse modo, a humilde Virgem de Nazaré “guardou em seu coração a misericórdia divina em perfeita

12 No século XVII, por exemplo, São Vicente de Paulo se servia da contemplação do ícone evangélico da visita de Maria a Isabel para encorajar as Filhas da Caridade no serviço dos pobres: “Deve-se fazer a visita aos pobres com os olhos em Deus e como fez a Santíssima Virgem ao visitar sua prima Isabel, com toda caridade, prontidão e bondade” (COSTE, Pierre [org.]. *Saint Vincent de Paul*; correspondance, entretiens, documents. Paris: Lecofre/Gabalda, 1920-1925. t. IX, p. 258). No contexto do Ano Jubilar, São Vicente é apresentado como exemplo de “misericórdia para os últimos” (cf. CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO [CPPNE]. *Os santos e a misericórdia*. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2016. p. 33-36). Também o Bem-aventurado Charles de Foucauld via na Visitação um extraordinário apelo à caridade e à evangelização. Em sua fina percepção, esse mistério mariano integra

sintonia com seu filho Jesus” (MV 24). Como peregrina na fé, Maria segue a Cristo com a totalidade de seu ser, identificando-se visceralmente com a vida e a missão do filho de suas entranhas, percorrendo seu caminho de incondicional amor, abraçando a causa do Reino, totalmente entregue à misericórdia do Pai, numa postura convicta, coerente e comprometida, resumindo em si mesma o espírito das bem-aventuranças (cf. Mt 5,2-12).

Referencial seguro e companhia confortadora da comunidade dos discípulos, a Mãe do Senhor é aquela que melhor instrui na contemplação do rosto de Cristo, na escuta de sua voz e na prática da misericórdia que transborda de seu amor oblato e de sua existência doada. Imitar Maria significa, portanto, mergulhar na essência do Evangelho, do qual sua vida se fez cristalina transparência. Mostrando-se diligente em face das necessidades humanas, com a ternura característica do modo de ser pessoa da mulher (cf. Jo 2,3), Maria oferece a misericórdia que plenifica seu viver e faz ressoar o apelo indispensável à definição do autêntico discípulo-missionário: “Fazei o que ele vos disser” (Jo 2,5). Em Caná da Galileia podemos divisar o itinerário de misericórdia percorrido pela Mãe de Jesus: tocada em sua sensibilidade, ela intui a necessidade dos noivos e o constrangimento que se insinuava. De maneira discreta, paciente e eficaz, intervém junto a seu Filho, confiando no poder de sua compaixão (cf. Jo 2,1-5). Jesus pode, então, realizar ali o primeiro de seus *sete sinais*, sinais de sua misericórdia, manifestando sua glória e suscitando a fé no coração dos discípulos (cf. Jo 2,11). A contemplação de Maria no ícone joanino das Bodas de Caná despertou no místico e poeta Charles Péguy (†1914) estes comoventes versos: “A Virgem Maria tratou do assunto, encarregando-se de tudo. Ela sabe melhor do que nós o que significa confiar e esperar [...]. Porque quem nada arrisca nada tem”. E conclui Péguy: “Aquela que nos toma para si, tão compassiva e tão pura, não apenas em fé e caridade, mas sobretudo em esperança, permanece eternamente jovem”.¹⁴

Robustecida pela misericórdia, “força que tudo vence” (MV 9), Maria permanece de pé, serena e corajosa, ao lado de seu filho crucificado por amor (cf. Jo 13,1), feito vítima do pecado e da injustiça do mundo que não o acolheu (cf. Jo 1,11). “Sua compaixão a sustenta, deixa-a firme. Seu olhar certamente encoraja o Filho a amar-nos até o fim. Jesus experimenta, na hora suprema, este amor terno e aflito de sua mãe.”¹⁵ Junto à cruz, compassiva e solidária, sorvendo cada gota do sofrimento de Jesus, sobressai com clareza ainda maior sua fisionomia de Mãe de Misericórdia, cujo coração se abre como um cálice a reter o sangue derramado para a remissão da humanidade, como se pode contemplar na *Cruz da Unidade*, símbolo característico do Movimento de Schoenstatt, que evidencia o laço indissolúvel que vincula Mãe e Filho numa oferta de misericordioso amor, o único capaz de selar a *nova e eterna aliança* entre o céu e a terra. Esse amor redentor, gérmen de plenitude, Maria já o experimentava de modo singular, desde sua concepção imaculada. Com palavras lapidares, São João Paulo II realçou a participação de Maria no mistério da misericórdia revelado na cruz:

Maria é, pois, aquela que, de modo particular e excepcional – como ninguém mais –, experimentou a misericórdia e, também de modo excepcional, tornou possível, com o sacrifício do coração, sua participação na revelação da misericórdia divina. Este seu sacrifício está intimamente ligado à cruz de seu Filho, aos pés da qual ela haveria de encontrar-se no Calvário. Tal sacrifício de Maria é uma singular participação na revelação da misericórdia, isto é, da fidelidade absoluta de Deus ao próprio amor,

dimensão verdadeiramente divina da Redenção, que se realizou no Calvário mediante a morte de seu Filho, acompanhada com o sacrifício de seu coração de mãe, com o seu “fiat” definitivo.¹⁶

No Calvário, ao ouvir as palavras do “perdão supremo” que saem dos lábios do Crucificado, manifestando “até onde pode chegar a misericórdia de Deus”, “Maria atesta que a misericórdia do Filho não conhece limites e alcança a todos, sem excluir ninguém” (MV 24). Ali, como crê e ensina a tradição da Igreja, Maria é investida da missão de gerar espiritualmente a humanidade, reconciliada pela misericórdia que jorra do lado aberto de seu Filho (cf. Jo 19,34s). Pela fé, Abraão se tornou pai de todos os povos (cf. Rm 4,20-22). Também pela fé, Maria, nova Eva, torna-se mãe de todos os seguidores de Cristo. Faz parte do testamento de Jesus que sua mãe tenha um lugar especial na comunidade daqueles que serão os continuadores de sua missão. A esses o Senhor oferece a maternidade de Maria como um dom de seu discípulo, porque ninguém melhor do que ela poderia ensiná-los a permanecer em seu amor e a guardar sua palavra (cf. Jo 15,7), assumindo a “misericórdia como estilo de vida” (MV 13). “A nós, Jesus confia sua mãe, e a constitui como nossa mãe. É um intercâmbio de compaixão entre mãe e Filho, em nosso favor.”¹⁷ Graças a esse intercâmbio, aquela compaixão materna que confortou e encorajou Jesus pendente da cruz estende-se à humanidade inteira, acolhida no misericordioso coração de Maria. O que os conceitos não conseguem conter a poesia suavemente faz ressoar: “Porque há muito deixou de ser a Mãe das sete dores. As sete dores não foram mais do que um começo. Ela é agora o que dela fizemos: a Mãe das setenta vezes sete dores, das dores de toda a humanidade”.¹⁸

Tendo cumprido sua missão de mãe, educadora e discípula do “rosto da misericórdia”, a humilde Virgem de Nazaré experimenta em singular profundidade a alegria da Ressurreição, assumida pela Trindade Santa na glória do Filho exaltado à direita do Pai (cf. At 2,33), como prelúdio da humanidade redimida e reconciliada pela misericórdia.

16 JOÃO PAULO II. *Dives in misericordia* (30 de novembro de 1980). São Paulo: Paulinas, 1980. n. 9. Na homília da missa de exéquias do Papa João Paulo II (8 de abril de 2005), o então Cardeal Joseph Ratzinger lembrou: “O Santo Padre encontrou o reflexo mais puro da misericórdia de Deus na Mãe de Deus” (CPPNE. *Os papas e a misericórdia*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2016. p. 69).

17 HUMMES, *Ano Santo da Misericórdia*, p. 58.

18 HUMMES, *Ano Santo da Misericórdia*, p. 58.

Com efeito, “a Mãe do Crucificado Ressuscitado entrou no santuário da misericórdia divina, porque participou intimamente no mistério de seu amor” (MV 24). Como mãe solícita da comunidade, sempre dócil à efusão do Espírito (cf. At 1,14), Maria acompanha a marcha da história, transmitindo-nos sua esperança na fidelidade do Deus justo e compassivo e comunicando-nos o amor perseverante que fez de sua vida um manancial de misericórdia, sempre aberto e disponível para todos. Modelada pela misericórdia, abraça e abriga maternalmente a Igreja de seu Filho e a humanidade inteira, zelando pela lealdade e pela felicidade dos discípulos de Cristo, visitando-os em suas solidões, encorajando-os nas travessias apostólicas e ensinando-os a ser fecundos mesmo na dor.

No regaço acolhedor de Maria podemos contemplar a face materna do Deus “que está sempre presente, que é próximo, providente, santo e misericordioso” (MV 6). Na escola da Mãe de Misericórdia, “tocados pela compaixão do Senhor, podemos tornar-nos compassivos para com todos” (MV 14), nutrindo pensamentos, desejos e atitudes de sincera generosidade e reconciliação. “A maternidade de Maria, longe de distanciá-la da humanidade, tornou-a definitivamente misericordiosa. Se o coração da mãe é uma constante oferenda de amor a seus filhos, o coração de Maria é a mais evidente expressão materna do coração de Deus à humanidade.”¹⁹ Por isso, jamais poderíamos confundir a mediação de Maria com uma errônea condição de suplência ou complementaridade, como se o coração de Deus não fosse compassivo e benévolo o suficiente, a ponto de necessitar de alguém que o sensibilizasse em nosso favor. Ao contrário, a Mãe de Jesus se nos apresenta tão somente como espelho sem mancha e reflexo puríssimo daquele amor que transborda do mistério trinitário, amor feito misericórdia para com homens e mulheres, amor que preenche o coração virginal de Maria, re-luz em sua vida e transparece em sua solicitude intercessora para com os discípulos de Cristo.

19 TURRA, Luiz. *Felizes os misericordiosos; refletir, rezar, cantar e viver a misericórdia*. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 52.

Precisamente deste amor “misericordioso”, que se manifesta sobretudo em contato com o mal moral e físico, participava de modo singular e excepcional o coração daquela que foi a Mãe do Crucificado e do Ressuscitado. Nela e por meio dela, o mesmo amor não cessa de revelar-se na história da Igreja e da humanidade. Esta revelação é particularmente frutuosa, porque se funda, tratando-se da Mãe de Deus, no singular tato de seu coração materno, em sua sensibilidade particular, em sua especial capacidade para atingir todos aqueles que aceitam mais facilmente o amor misericordioso da parte de uma mãe.²⁰

2. Arquétipo da Igreja misericordiosa

Por tudo o que viveu e irradiou, Maria é considerada arquétipo da Igreja misericordiosa, chamada a tornar-se receptiva ao amor do Pai que a transfigura sem cessar e a deixar-se interpelar e impelir pela compaixão de Cristo, a fim de desenvolver sua capacidade de enternecer-se diante das misérias humanas e oferecer-lhes o alívio e o alento da misericórdia. De fato, “a Virgem Maria, em sua qualidade de Mãe de Misericórdia, não é apenas expressão da imensa ternura de Deus, mas é também exímia educadora da consciência social, do compromisso com o ser humano concreto, sobretudo aquele que se encontra em necessidade”.²¹

O Concílio Vaticano II (1962-1965) ensina que “a maternidade de Maria, na economia da graça, perdura sem cessar, desde o consentimento, dado fielmente na Anunciação e mantido inabalável junto à cruz, até a consumação final de todos os eleitos. De fato, depois de elevada ao céu, ela não abandonou esta missão salvadora, mas, por sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna. Com seu amor materno, cuida dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada” (*Lumen Gentium* 62). Por isso, continua o Concílio, no firmamento da história a Mãe de Jesus “brilha como sinal de esperança segura e consolação aos olhos do povo de Deus peregrino” (*Lumen*

20 JOÃO PAULO II, *Dives in misericordia* 9.

21 MATOS, *No movimento da misericórdia...*, p. 109.

Gentium 68). Em Maria, mãe do Redentor e dos redimidos, a Igreja descobre seu tipo ideal, a imagem do povo recriado pela misericórdia do Pai, peregrinando ao encontro do Senhor que vem, sob o influxo do Espírito.²² Para ser autêntica e conservar sua fertilidade, a espiritualidade mariana tem de se inserir no panorama do mistério da Trindade e qualificar nossa participação na missão do Povo de Deus, chamado a estabelecer no mundo transpassado pela indiferença uma “cultura de misericórdia”. Recorda-nos, uma vez mais, o Cardeal Kasper: “Maria diz-nos e demonstra que o evangelho da misericórdia divina em Jesus Cristo é o melhor que nos pode ser dito e o melhor que podemos escutar e, ao mesmo tempo, o mais belo que pode existir, porque é capaz de nos transformar e transformar nosso mundo através da glória de Deus em sua graciosa misericórdia”.²³ Tal é o evangelho que a Igreja, e nela a Vida Consagrada, deve proclamar e concretizar, a novidade capaz de pacificar os corações contritos, acordar as consciências entorpecidas, sarar as vidas maltratadas e renovar a face da terra. “A credibilidade da Igreja – enfatiza o Papa Francisco – passa pela estrada do amor misericordioso e compassivo” (MV 10).

Avançando pelo caminho da fé, Maria desenvolve três atitudes de largo alcance para o Povo de Deus e, em particular, para as pessoas consagradas: escutar, decidir e agir.²⁴ É o que fica patente nas passagens bíblicas que delineiam o perfil da Mãe de Jesus, especialmente a Anunciação, a Visitação e as Bodas de Caná. Dócil e disponível, Maria escuta a voz de Deus, que se manifesta em sua interioridade e no significado profundo de cada acontecimento. Contemplativa e ponderada, decide-se com lucidez, discernindo apelos e tomando iniciativas. Livre e corajosa, age concretamente, convencida de estar realizando a soberana vontade de seu Senhor, ainda mais quando se vê interpelada pela caridade. A Mãe de Jesus nos convida a romper com a dispersão, a superficialidade e a agitação que não nos permitem *escutar com atenção, decidir com firmeza e agir com eficácia*, sem frenética precipitação ou sem passivo adiamento, sem ceder à tentação dos arcaísmos ou dos modismos, sobretudo quando se trata de atender as

22 “O amor misericordioso de Deus manifestou-se plenamente sobre a cruz e, a partir dela, o poder da ressurreição espalhou-se pelo mundo graças ao Espírito. Toda a história dos homens está irrigada por esta fonte: Maria, em primeiro lugar, Mãe de Misericórdia, exemplo perfeito de vida nova criada pelo amor divino; a Igreja, à imagem de Maria, tal como o cristão, graças à força divina recebida na Igreja, especialmente através dos sacramentos; e a cidade dos homens, renovada pela ação dos filhos de Deus, eles também transformados pela misericórdia” (CPPNE, *Os papas e a misericórdia*, p. 67).

23 KASPER, *A misericórdia...*, p. 262.

24 Esse itinerário mariano foi proposto pelo Papa Francisco em: VIGINI, Giuliano (org.) *A Igreja da misericórdia*; minha visão para a Igreja. São Paulo: Paralela, 2015. p. 101-103.

exigências da misericórdia. A perfeita discípula do Salvador nos ensina a entrar de tal modo no seguimento de seu Filho a ponto de nos tornarmos imagens vivas de sua face misericordiosa, a “oferecer-lhe nossas mãos, para acolher os pequeninos e os pobres; nossos pés, para ir ao encontro dos irmãos; nossos braços, para sustentar quem é fraco e trabalhar na vinha do Senhor; nossa mente, para pensar e fazer projetos à luz do Evangelho; e, sobretudo, nosso coração, para amar e tomar decisões de acordo com a vontade de Deus. Tudo isso acontece graças à ação do Espírito Santo. E, assim, somos os instrumentos de Deus para que Jesus possa atuar no mundo por meio de nós”.²⁵

Como nos garante a tradição eclesial, somos sempre acompanhados pela doçura do olhar de Maria ao longo das estradas da vida. Ela não se cansa de *rogar por nós, pobres pecadores*. Em seus maternais desvelos, redescobrimos continuamente a misericórdia e a ternura de Deus, sem as quais não podemos nos tornar verdadeiramente misericordiosos e ternos, porque, no fundo, “toda misericórdia humana, também a da Virgem, não é senão derivação, manifestação da misericórdia primeira, obra de Deus em nós”.²⁶ Por isso, na milenar oração da *Salve Regina*,²⁷ suplicamos à Mãe clemente e piedosa que jamais se canse de volver para nós seu olhar misericordioso e, depois do desterro da vida, tendo enxugado nossas lágrimas, faça-nos ver Jesus, o fruto bendito de suas entranhas, o *rosto da misericórdia do Pai*, que ela concebeu na história e eternamente contempla na glória, cantando para sempre as misericórdias do Senhor (cf. Sl 89,1).

3. Mãe de Misericórdia: consolo e esperança

Desde o Concílio de Éfeso (431), que proclamou o dogma da maternidade divina (*Θεοτόκος*), a tradição mariológica jamais se desenvolveu às margens da cristologia. Ao contrário, nessa aquela sempre encontrou seu fundamento e razão de ser. Prova disso são os hinos, cânticos e orações da liturgia, verdadeiras extensões dos dados bíblicos sobre a Mãe do Redentor. Na mesma linha situam-se as homilias e tratados

25 PAPA FRANCISCO, *A Igreja da misericórdia*, p. 105.

26 LAURENTIN, Maria, *testimonie della misericordia*, p. 64.

27 Sobre a imprecisa gênese, a desconhecida autoria e a original tessitura deste hino/oração de extração medieval, incorporado posteriormente à liturgia oficial da Igreja, ver: MATOS, *No movimento da misericórdia...*, p. 111-115.

dos Padres da Igreja, no Ocidente e no Oriente, bem como a arte iconográfica. Vale ressaltar também a piedade popular, que invoca a Virgem Maria sempre e em toda necessidade, na firme esperança de que a Imaculada nunca deixará de estender o manto de sua misericórdia sobre os filhos de Deus dispersos.²⁸ “Ela, mulher de fé, leva-nos pela mão até o abraço do Pai, do Pai de misericórdia”, repetindo-nos o que disse em Guadalupe, séculos atrás, a Juan Diego: “Não se inquiete o teu coração [...]. Não estou aqui, eu que sou tua mãe?”.²⁹

As origens da invocação de Maria como Mãe de Misericórdia remontam ao século III. O mais antigo registro a esse respeito é a antífona *Sub tuum praesidium*.³⁰ Em tempos mais recentes, foi descoberto no Egito um papiro com a fórmula original dessa oração, levemente diferente da que estamos habituados a rezar.³¹ Em sua composição primitiva a referida antífona alude à misericórdia como atributo da Mãe do Senhor, podendo ser expressa assim: “Sob vossa misericórdia, nós nos refugiamos, Santa Mãe de Deus, não desprezeis as súplicas que em nossas necessidades vos dirigimos, mas livrai-nos sempre de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bendita”. Em meio às aflições e amarguras da vida, todo cristão pode recorrer ao regaço sempiterno daquela que nos ensina a acolher e testemunhar a misericórdia, “porque carrega em seus braços as dores do mundo, assim como seu Filho tomou para si nossos pecados”.³²

O texto do *Sub tuum praesidium* exprime, com rara eficácia, a confiança na intercessão da Virgem: ela, a “mãe de Deus”, a “única pura” e a “única bendita”, é, para a comunidade cristã, um “refúgio de misericórdia”. Nele, a comunidade se sente segura e, portanto, expressa sua firme convicção de que a Virgem não rejeitará as súplicas de todos os que a invocam na hora da necessidade e do perigo.³³

Na tradição bizantina, o hino litúrgico *Akathistos* (*Ἀκάθιστος*), concebido entre a segunda metade do século V e os primeiros anos do século VI, celebra a vocação da Mãe

28 Cf. KASPER, *A misericórdia...*, p. 254s.

29 PAPA FRANCISCO, *A Igreja da misericórdia*, p. 104-108.

30 “Provavelmente, o *Sub tuum praesidium* não é joia surgida de repente, mas fruto maduro da fé e da piedade da Igreja egípcia, em que sobressai a figura de Orígenes [...]. Sua importância não é contestada por ninguém: ele continua até hoje sendo considerado a ‘mais antiga oração à Virgem’. Depois da descoberta do famoso papiro, não há mais motivos para nos abandonarmos a suposições que visem a afirmar a existência de formas de piedade mariana anteriores ao Concílio de Éfeso (431) e, igualmente, não há mais possibilidade alguma de negá-las” (CALABUIG, Ignacio. *Liturgia [origens]*. In: *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 754).

31 Cf. KASPER, *A misericórdia*, p. 255. Ver também: FRATRES DE NOSSA SENHORA, MÃE DE MISERICÓRDIA.

Maria, Mãe de Misericórdia. Tilburg: Conselho Geral, 2001. p. 29. Trata-se de um subsídio sobre a espiritualidade mariana que caracteriza este Instituto de Religiosos Irmãos, fundado em 1844, nos Países Baixos, pelo Bispo Joannes Zwijssen. Desde 1960, os Frades da Misericórdia estão presentes no Brasil, precisamente no estado de Minas Gerais, vivendo e irradiando o carisma de misericórdia e fraternidade, colhido do Evangelho segundo a inspiração de São Vicente, patrono da Congregação. O mesmo fundador já tinha concebido a Congregação das Irmãs de Caridade da Mãe de Misericórdia, nascida no ano de 1832. Há mais de cinquenta anos este Instituto se faz presente no Nordeste brasileiro, tecendo uma bela história de misericórdia junto aos irmãos mais pobres (cf. VAN DE VEN, Úrsula; CARVALHO, Ernando Luiz Teixeira de. *Vida e missão*; 50 anos de presença evangelizadora das Irmãs de Caridade da Mãe de Misericórdia no Nordeste do Brasil.

de Deus, evocando, com palavras cheias de enlevo, sua íntima relação com o mistério de Cristo e da Igreja. Também nesse extenso hino Maria é contemplada como mãe “compassiva”, “piedosa”, “protetora”, “terna”, “que nos mostra Cristo, o misericordioso”. E, ao mesmo tempo que suplicamos sua intercessão, somos incentivados a aprender de seu exemplo e a imitar suas virtudes. No século XII, com seu célebre *Memorare*, São Bernardo canta a maternal misericórdia que resplandece na Virgem Santa, de quem jamais se ouviu dizer que tenha sido abandonado algum daqueles que recorreram à sua clemência, imploraram sua proteção e reclamaram seu socorro. Ainda mais perto de nós (séc. XVII), o perito em misericórdia que foi São Vicente de Paulo compôs, a pedido de Santa Luísa de Marillac, uma breve oração à Mãe de Misericórdia, para confiar a Maria a perseverança e o florescimento da recém-nascida Companhia das Filhas da Caridade, fundada por ambos para o serviço corporal e espiritual dos pobres. Eis o texto, encontrado em uma das conferências do fundador às primeiras Irmãs: “Porque a Companhia da Caridade foi fundada sob o estandarte de vossa proteção, se tantas vezes vos chamamos nossa Mãe, agora vos suplicamos que aceiteis a oferta que vos fazemos desta Companhia em geral e de cada uma em particular. E, já que permitis que vos chamemos nossa Mãe – e éreis realmente a Mãe de Misericórdia, de cujo canal procede toda misericórdia – e obtivestes de Deus a fundação desta Companhia, aceitai tomá-la sob vossa proteção”.³⁴ São Vicente e Santa Luísa desejaram que suas filhas achassem repouso e estímulo no maternal amparo daquela a quem o Senhor manifestou a potência de sua misericórdia, realizando grandes coisas na humilde confiança e na sincera disponibilidade de seu coração virginal.

Na iconografia relativa à Mãe de Misericórdia, a obra mais conhecida é a *Eleousa* (Ἐλεούσα), a *Misericordiosa* (*Compassiva* ou *Terna*). As primeiras representações são do séc. VII, embora a mais conhecida seja a do séc. XII, atribuída a Vladimir. Nesse ícone bizantino, amplamente difundido no Oriente e no Ocidente, a Mãe de Deus aparece representada

em íntima união com seu Filho, a quem estreita em seus braços, inclinando o rosto em sua direção com notável afeição. Variantes desse ícone receberam o sugestivo título de *Virgem da Ternura*. Uma variante tornada muito popular é a de *Nossa Senhora do Perpétuo Socorro*, com seus matizes originais. Em todas, porém, é interessante notar como as fisionomias da Mãe e do Menino harmonizam afabilidade e preocupação, delicadeza e apreensão. Maria parece pressentir a Paixão de seu Filho e volta-se para ele repleta de compaixão e cuidado, acariciando-o com a leveza de uma mãe zelosa. Impossível não se maravilhar vendo no semblante da Virgem o reflexo da ternura de Deus. Impossível não se sentir interpelado a exercitar-se na misericórdia para com os que se encontram em situações de aflição e desamparo, abrindo o coração e as mãos “àqueles que vivem nas mais variadas periferias existenciais, que muitas vezes o mundo contemporâneo cria de forma dramática” (MV 15).

No *Retiro Vicente de Paulo*, centro de espiritualidade dos Frades de Nossa Senhora, Mãe de Misericórdia, situado na cidade de Igarapé (MG), encontra-se uma expressiva representação deste título mariano que dá nome à Congregação. Trata-se de uma imagem rústica, artisticamente esculpida em madeira, na qual Maria aparece aconchegando sob seu largo manto um grande número de pobres, carentes de conforto e solidariedade: crianças, jovens, idosos, mulheres e homens de várias raças e culturas, e até animais. O manto é sinal de proteção e desvelo, segurança e consolação. Simboliza a clemência que a Mãe de Misericórdia estende sobre todas as criaturas, como espelho da benevolência do Deus Uno e Trino.³⁵ Os pés de Maria estão descalços, dizendo-nos de sua participação na sorte dos pobres e traduzindo seu apelo a entrar no movimento da misericórdia, como itinerário de fé e caridade por ela mesma percorrido no discipulado de seu Filho. Este, com efeito, é o único movimento capaz de “romper a barreira de indiferença que frequentemente reina soberana para esconder a hipocrisia e o egoísmo”, levando-nos a “cuidar das feridas dos que já não têm voz, a aliviá-las com o óleo da consolação, a enfaixá-las

João Pessoa: Ideia, 2013).

32 PÉGUY, *Le porche du mystère de la deuxième vertu*, p. 413.

33 CALABUIG, *Liturgia (origens)*, p. 754.

34 COSTE (org.), *Saint Vincent de Paul*, t. IX, p. 623. Em seus escritos, também Santa Luísa se refere a Maria como Mãe de Misericórdia, vendo nesse título um desdobramento de sua dignidade de Mãe do Filho de Deus e Salvador do mundo: “É o bastante dizer que ela é a Mãe de vosso Filho. Contudo, como são admiráveis suas atuações! Não sem razão, a Santa Igreja a qualifica Mãe de Misericórdia. E o é em consequência de ser Mãe da Graça [...]. Oh, vós sois, e a um só tempo, Mãe de Deus e Mãe de um homem, o qual, nascendo, traz uma nova lei ao mundo, a única lei que, de fato, traz a Vida Eterna” (A. 14 bis. *Écrits spirituels*. Paris, 1983. p. 767-768).

35 Trata-se, realmente, da adaptação de uma representação clássica: “Uma das representações mais

com a misericórdia e tratá-las com a solidariedade e a atenção devidas” (MV 15). Nossa também é a convicção que o Cardeal Cláudio Hummes exprime com estas palavras:

Essa Mãe misericordiosa continua, através dos tempos, a cuidar de nós com grande ternura. Mas cuida de modo particular de seus filhos pobres, sofridos, doentes, abandonados, excluídos, descartados, expulsos dos centros urbanos e confinados nas periferias; cuida dos pecadores que buscam a Deus e clamam por libertação dos laços do mal em que foram envolvidos ou se envolveram e dos quais não conseguem, sozinhos, se libertar. Cuida das mães aflitas que veem seus filhos serem desviados do bom caminho, muitas vezes assassinados na espiral da violência e do mal, outras vezes traficados e desaparecidos para sempre. Maria, a Mãe de Misericórdia, cuidará sempre de nós, sobretudo se a ela recorrermos confiantes e lhe manifestarmos nosso amor filial.³⁶

O título dado a Maria, Mãe de Misericórdia, encontra seus correlatos nos títulos de Nossa Senhora das Dores, da Piedade, do Perpétuo Socorro, das Mercês etc.³⁷ Em todos eles há um traço comum: Maria aparece sempre como uma mãe terna e compassiva, que se apoia na misericórdia e se volta para os que sofrem, convidando-os a acolher o dom da filiação divina e a viver em consequência desta graça preciosa.³⁸ “Como uma verdadeira mãe, caminha conosco, luta conosco e nos aproxima incessantemente do amor de Deus.”³⁹ Ela não se confunde com uma personagem do passado. Ao contrário, é uma companheira de caminho. Conhecendo de perto a trajetória humana, compreende e incentiva nossas legítimas aspirações, ajudando-nos a torná-las sempre mais saudáveis e fecundas à luz do Evangelho.⁴⁰ Imersa no mistério de Deus, ela se mantém bem junto a todos os seus filhos e filhas, indicando-nos o caminho da misericórdia, feito de ternura, compaixão, solidariedade e perdão, tendo como meta o coração da Trindade. Por isso, cultivando nossa relação com a Mãe de Misericórdia,

significativas é a da Mãe de Misericórdia, ou seja, Maria com o manto sob o qual se refugia o povo cristão” [...], já que “a primeira função da mãe, na verdade, é proteger” (BERNARD, Charles André. *Simbolismo*. In: *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 1223).

36 HUMMES, *Ano Santo da Misericórdia...*, p. 58.

37 Fala-se, ainda, de uma ligação evocativa entre as obras de misericórdia e os títulos de *Mãe da Divina Graça, Saúde dos Enfermos, Consoladora dos Aflitos e Auxílio dos Cristãos* (cf. CPPNE. *As obras de misericórdia corporais e espirituais*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2016. p. 103).

38 Com efeito, “chamar Maria de Mãe de Misericórdia significa exatamente dizer que ela conhece como ninguém, humana e visceralmente, o mistério da ‘filiação de Deus’ e das ‘vísceras do Pai’, que contém também a promessa,

mergulhamos mais profundamente no mistério de nossa própria vocação e somos impulsionados a “fazer da misericórdia uma missão vital” (MV 24), iluminando e aquecendo as escuridões e friezas da história com o fogo abrasador da caridade.

Maria, Mãe de Misericórdia,
és, para nós, o exemplo maior de misericórdia e simplicidade.
Ajuda-nos, animando nossas atitudes
para servir às pessoas em suas necessidades.
Ajuda-nos a nos convencer de que fomos
chamados e escolhidos pela graça de Deus.
Ajuda-nos a enxergar o desafio de
uma vida de fé, esperança e caridade.
Ajuda-nos a reconhecer nossos limites e a responder,
juntos e unidos, aos desafios de nossa consagração.

Ora por nós, Maria,
para que teu Filho Jesus seja o centro de nossa vida,
hoje e sempre.

Ora por nós, Maria, para que sejamos pessoas corajosas,
numa contínua atenção aos apelos missionários
da realidade em que vivemos.
Amém.⁴¹

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em grupo:

1. Quais os aspectos mais expressivos da atuação da misericórdia de Deus na vida de Maria de Nazaré?
2. Quais as atitudes de misericórdia que transparecem na pessoa de Maria como mãe e discípula de Jesus?
3. Como a figura de Maria pode nos inspirar e impulsionar na vivência da misericórdia?

que nos é dirigida, de fazer-nos a todos ‘filhos no Filho’” (CPPNE, *Os santos e a misericórdia*, p. 122).

39 PAPA FRANCISCO, *A Igreja da misericórdia...*, p. 108.

40 O Bem-aventurado Paulo VI, no turbulento período da história da Igreja em que lhe tocou atuar como pontífice, quis recordar: “Ela [Maria Santíssima], que experimentou as penas e as tribulações da Terra, o cansaço do trabalho de cada dia, os incômodos e os apertos da pobreza, as dores do Calvário, venha em socorro das necessidades da Igreja e do mundo” (Carta encíclica *Mense Maio*, de 29 de abril de 1965, n. 11. Citada em: CPPNE, *Os papas e a misericórdia*, p. 68).

41 Adaptação da oração composta pelas Irmãs de Caridade da Mãe de Misericórdia (cf. VAN DE VEN; CARVALHO, *Vida e missão...*, p. 189).

“A misericórdia se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14)

PE. PAULO ROBERTO GOMES*

Introdução

A misericórdia é fundamental na Bíblia para o povo de Israel. No entanto, segundo o teólogo Walter Kasper, caiu no esquecimento, sendo pouco abordada na teologia, na catequese, nas homilias e na pastoral. Contudo, o mundo fissurado por tanto sofrimento e dor continua pedindo sua presença concreta e relevante.

O século XX viveu a brutalidade de duas guerras mundiais com 50 a 70 milhões de mortos, assassinatos em massa, crescimento da violência e da miséria. O século XXI nasce marcado pelo terrorismo, por diversos tipos de injustiças, por um número crescente de refugiados, pelo tráfico de pessoas, por diversos tipos de escravidões, pela fome e toda sorte de sofrimento. A fé cristã tem uma palavra a ser dita nessa realidade?

Hoje, em diversos ambientes, parece ter-se tornado difícil o anúncio do Evangelho. O grande desafio para os crentes de hoje não se encontra somente em como falar de Deus, mas como tornar relevante e importante o Cristianismo na vida das pessoas. De um lado, não se pode negar o número de pessoas para quem ser cristão é parte essencial de sua vida. Por outro, inclusive no Brasil, cresce o número de pessoas que se declaram ateias, sem religião ou indiferentes à fé.

Entre cristãos, muitos falam, pensam e vivem Deus como um ser distante, alheio ao nosso cotidiano. Um criador cuja vontade passa por muitas normas e leis proibitivas, que

* Pe. Paulo Roberto Gomes é doutor em Teologia, pós-graduado em Ciências da Religião e Teologia Bíblica, professor de Teologia no CES-JF, assessor e pregador de retiros. E-mail do autor: probertomsc@gmail.com.

permite e deseja o sofrimento dos seus filhos e que, muitas vezes, mesmo conhecendo o coração humano (Sl 139), prova a nossa fé. Deus, muitas vezes, é concebido como Aquele que se encontra no ambiente sagrado de nossas igrejas e capelas, nas cerimônias e liturgias, enquanto o dia a dia de nossa vida – com seus trabalhos, o problema da sustentabilidade do planeta, o cuidado com o meio ambiente, o mundo da política, a sociedade e a economia – não é visto na mesma densidade para o encontro com Deus.

O que o fato da encarnação nos revela? Qual a novidade do Cristianismo? Seria apenas uma religião a mais, ao lado de outras na humanidade, ainda que com algumas diferenças? O relato sobre “o Verbo que se fez carne” e pertence ao mundo dos pobres, cuja mãe é uma “menina” da cidade de Nazaré e cujo pai, José, é adotivo, é irrelevante ou faz algum sentido? Há alguma palavra divina quando o Evangelho destaca a estrebaria e a manjedoura como lugares do nascimento do Filho de Deus?

O presente artigo procura: (1) acenar para o significado da palavra misericórdia no Antigo e Novo Testamento. A partir do uso da metáfora do “encolhimento”, utilizada como sinônimo de limitação, despojamento, esvaziamento – Kénose –, desenvolve os seguintes pontos: (2) Deus se “encolhe” no humano ao encarnar-se; (3) Deus se “encolhe” na criança de Belém, nascida à margem da sociedade; (4) Deus se “encolhe” no pobre-servo-escravo Jesus de Nazaré ao descer à situação da categoria mais baixa do seu tempo, o mundo dos escravos. Sem o intuito de aprofundamento, pela necessidade de limitar o artigo, destacam-se aspectos que podem ajudar aos Consagrados e às Consagradas a vivenciarem melhor sua experiência do Deus de Jesus que, no Filho, chama-nos ao seguimento e à humanização.

1. O significado da palavra misericórdia

A palavra misericórdia aparece, no Antigo Testamento, com o uso do termo *hesed*, que vem acompanhado de outros termos como “firmeza”, “resolução” e “fidelidade”. Trata-se

de algo que uma pessoa faz sem estar obrigada a fazer, mas por pura generosidade. *Hesed* é o componente fundamental das relações humanas. Associada à “justiça”, ao “direito” e à “retidão”, o termo aparece aplicado a Javé, como seu “desejo salvífico” (Os 12,7; Mq 6,8; Sl 13,6). Ela é o componente básico para haver paz (*shalom*) na relação de carinho (Jr 2,2) e amor de Deus para com seu povo (Jr 31,3).

Misericórdia tem a ver com “ventre” ou “seio” (*rahmin*), ou seja, a atitude ou ação que brota das entranhas maternas de Deus. A misericórdia é explicitada pela Aliança (Ex 20,6), não como um simples atributo, mas como o próprio ser de Deus, pois há uma identificação entre misericórdia e Deus. O termo indica benevolência ampla e abrangente, um desejo de fazer o bem aos outros. Não é simplesmente gentileza, mas a bondade do coração de onde brotam a gentileza e o amor. Isso mostra como falar de misericórdia em um único sentido é empobrecê-la e não fazer justiça ao uso do termo nas Sagradas Escrituras.

No Novo Testamento, misericórdia aparece com o termo *eleos*. Além de todo o sentido de *hesed* no Antigo Testamento, destaca a disponibilidade de estar com os pecadores sem nenhuma exclusão (Mt 9,13). Trata-se de tolerância, liberalidade, um amor profundo pelo próximo que se traduz em ajuda a quem necessita (Lc 10,37), disposição para perdoar (Mt 18,33) e realizar boas ações (Tg 3,17). Da parte de Deus, relaciona-se com o juízo, como clareza e discernimento, e não como condenação. Trata-se da relação do Deus de Jesus Cristo com o ser humano que não se funda em nenhum mérito humano, mas na gratuidade e incondicionalidade de seu amor.

Por isso, ainda que misericórdia se relacione com justiça – o termo justiça tem vários significados nas Sagradas Escrituras –, não é como retribuição (dar o que o outro merece), distribuição (dar segundo as necessidades de cada um) ou punição. A misericórdia é anterior e ultrapassa

merecimentos, necessidades e castigos. Alguns teólogos traduzem misericórdia como “ter o coração aberto à miséria do outro”, “dar o seu coração aos que se encontram na miséria”, “ter o coração aberto aos pobres” como uma atitude reativa diante da situação do outro (Jon Sobrino). Não é simples sentimento, mas atitude, ação concreta.

Fomos criados pelas “mãos misericordiosas” do Pai, pensados pela sua “mente misericordiosa”, amados pelo seu “coração misericordioso”. O Pai, ao nos criar, na força de seu Espírito, pensava no ato da encarnação em que a “misericórdia se faria carne” para comer do nosso pão, beber do nosso vinho, rir nossos risos e chorar conosco nossas dores, proclamando um caminho e um projeto de felicidade (bem-aventuranças).

A misericórdia, pensada de forma ampla, tem um sentido pessoal, comunitário, social, econômico, político e cultural. O religioso, sem dúvida, encontra-se dentro da cultura. A misericórdia acolhe, perdoa, mas também refaz e reconstrói pessoas, grupos e sociedade. Ela impulsiona para caminhos novos, novas descobertas, vida nova. Ela é criativa e concreta. Aqueles homens que carregavam o paraplégico até Jesus diante do obstáculo de passar pela porta da casa, por causa da multidão, criativamente descobrem outra forma: destelham a casa e descem o paraplégico em sua maca até Jesus, usando o recurso das cordas (Mc 2,1-12). A misericórdia sempre abre possibilidades e descortina novos horizontes de ação.

2. Deus se “encolhe” no humano

O prólogo do Evangelho de João começa com a proclamação daquilo que é essencial no Cristianismo: “o Verbo se fez carne e habita entre nós” (Jo 1,14). Falar da encarnação do Filho é acenar para sua condição de fragilidade e limitação. Ao fazer-se “carne e osso”, o Filho terá que passar pelo mesmo processo, desenvolvimento, aprendizagem de todo ser humano. Estará limitado a um gênero (masculino), a um

país (Palestina), a uma língua (o aramaico), a uma cultura com seus aspectos políticos, sociais, econômicos e religiosos.

A primeira coisa a chamar-nos a atenção é o fato de que falamos da revelação de Deus a partir de Jesus de Nazaré: um personagem histórico, um ser humano. Deus não se revelou no sagrado – no Templo com suas liturgias, sacrifícios, normas e leis, com seus sacerdotes –, mas em um ser humano, leigo e que viveu uma espiritualidade/religiosidade alternativa ao judaísmo.

Os Evangelhos não relatam Jesus participando das cerimônias no Templo, oferecendo sacrifícios para agradar a Deus e, muito menos, preocupado com as normas consideradas sagradas, impostas pelas autoridades religiosas: escribas, fariseus e sacerdotes. Ao contrário, relativiza a Lei diante da vida humana (Mc 2,15-27), denuncia a corrupção do Templo, sua destruição e a adulteração da religião de Israel (Jo 2,13-25). Não se preocupa demasiadamente com o pecado, a não ser quando é causa e tem consequências geradoras de sofrimento para os outros. Jesus coloca no centro de sua preocupação o sofrimento humano e tudo o que se pode fazer para aliviar, diminuir, superar a dor e trazer felicidade para todos. Bastaríamos nos ater ao Sermão da Montanha (Mt 5-7) ou ao Sermão da Planície (cf. Lc 6,20-49) para perceber que a espiritualidade/religiosidade de Jesus se baseia na felicidade.

Ao proclamar “felizes os misericordiosos” (Mt 5,7) e apresentar as três parábolas da misericórdia (Lc 15,1-32), Jesus mostra que a alegria de Deus encontra-se na recuperação daquele que se perdeu e se desumanizou. O Pai misericordioso da parábola não se irrita ou age rigorosamente com o filho, não “joga-lhe na cara” seus erros, mas o enche de abraços e cobre-o de beijos (Lc 15,20). Em relação ao filho mais velho, incapaz de sensibilizar-se misericordiosamente pelo irmão, vai ao seu encontro pacientemente, fazendo-lhe compreender a postura adequada diante de quem se perdeu.

Folheando os Evangelhos, percebe-se que a preocupação de Jesus é curar o cego, o aleijado, o coxo, o surdo, o mudo, purificar leprosos, alimentar a multidão faminta e recuperar os endemoniados e excluídos de todo tipo. A preocupação de Jesus é com a saúde, com as relações humanas e a liberdade. No caso da saúde é muito importante o comer juntos, a partilha, a preocupação com a fome dos irmãos. Se cremos de verdade que Jesus revela Deus e sua vontade, torna-se necessário perceber que a preocupação misericordiosa do Pai passa por saúde, comida, boa convivência e liberdade de seus filhos e filhas muito amados.

Ao encarnar-se, o Filho revela que pensar mal do ser humano é pensar mal de Deus, rejeitar e excluir o ser humano é rejeitar e excluir Deus. O contrário, acolher o ser humano, tratar de resolver os problemas das necessidades básicas – comida, bebida, vestuário, casa, liberdade e solidariedade na dor (Mt 25,31-46) – é acolher o próprio Deus. Encontramos o Deus de Jesus Cristo no dia a dia, naquelas coisas que chamamos de secular ou profana (no trabalho, nas preocupações diárias, na festa de casamento, nos enterros, nos almoços e jantares etc.). Encontramos o Deus de Jesus Cristo onde ele, com sua encarnação, disse que estaria: no ser humano concreto. Por isso, a salvação se dá nas relações que estabelecemos.

Nossa Vida Consagrada existe não para salvar coisas ou obras, mas para salvar pessoas. Nas burocracias que nos metemos, no excessivo trabalho que realizamos, nas mil e uma coisas para fazer e cuidar, ainda existe lugar na nossa agenda para o outro? A pessoa é o centro de nossa preocupação?

Nós, humanos, temos muito de desumano ou inumano. A encarnação da misericórdia que se faz carne em Jesus de Nazaré revela que a humanização é o caminho de salvação para todos, para o que crê e tem Jesus diante de seus olhos para seguir, para aquele que professa outra religião ou se declara ateu ou sem religião nenhuma. O humano concreto que somos nós é a revelação de Deus, o caminho, a verdade e a vida a ser descoberta e construída.

3. Deus se "encolhe" na criança de Belém

No Natal, ao celebrarmos o fato da encarnação, nos encantamos com o presépio cujo centro está na criança nascida na estrebaria e colocada na manjedoura. Ao escolher encarnar-se, o Filho de Deus passa pelo mesmo processo de todo ser humano: uma gestação de nove meses, o parto, os cuidados maternos, a aprendizagem dos primeiros passos e primeiras palavras e, assim, sucessivamente. Lucas afirmava que o "o menino crescia em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens"(Lc 2,40). Podemos dizer que o evangelista chama a atenção de seus leitores para o processo natural de Jesus como qualquer outro ser humano: terá que desenvolver sua consciência, aprender a discernir os "sinais dos tempos", a vontade do Pai. Crescerá em estatura, passando da fase de criança à vida adulta e terá que trilhar o caminho do desenvolvimento de sua espiritualidade/religiosidade. Uma vez que a Palavra de Deus não se encontra somente no que Jesus de Nazaré diz, mas nos fatos, acontecimentos, no que ele vive, naquilo que experimenta e realiza, pode-se afirmar que há uma Palavra do Pai dirigida a nós no fato do "encolhimento" do Verbo como criança.

3.1. Onde há criança, há alegria

Ninguém nega que onde se encontra criança há alegria. Deus, através do Filho, faz-se criança para comunicar-nos a alegria da salvação. Se o Evangelho é uma Boa Notícia é porque se trata de algo muito bom para a vida humana, algo que traz felicidade e satisfação de viver, um anúncio prazeroso para os filhos e filhas de Deus. Deus não é inimigo da vida e do prazer, mas o seu autor, o grande poeta de uma vida satisfatória para todos. Deus é alegria e se a misericórdia é uma dimensão fundamental do ser de Deus, revelada pelos profetas e pelo próprio Jesus (Os 11,1-4; Jn 1-4), não existe misericórdia sem alegria ou alegria sem misericórdia.

Infelizmente, a forma de viver o Cristianismo e, dentro dele, a Vida Consagrada para muitas pessoas assemelha-se a algo pesado, marcado demasiadamente por sofrimento, renúncias, uma preocupação exagerada com o pecado e com a perfeição que nunca iremos atingir. Ainda que tenhamos caminhado muito, o pecado e o culto permanecem como centro da vida cristã, no lugar de percebermos que o centro é a alegria e a felicidade de nos ocuparmos com o bem dos outros.

3.2. Onde há criança, há bagunça

Nada mais claro do que esta afirmação. A criança, em sua alegria, desarruma, desorganiza o ambiente. Estamos acostumados a organizar tudo segundo nossos critérios e interesses, nossos esquemas e ideias. Gostamos de nossa "zona de conforto". Deus se faz criança para bagunçar nossas vidas organizadas com critérios que estão longe do projeto do Reino.

Não raras vezes, a saída de nossa "zona de conforto" provocada por uma nova nomeação, mudança de comunidade, trabalho pastoral ou perdas, doença e envelhecimento nos conduz ao "abismo" do sofrimento, à perda de referências e a certa desorientação. Nessas horas, mesmo nos faltando a clareza necessária para avaliar o momento vivido, avizinhamos a possibilidade de descer ao "abismo" como oportunidade de fé e seguimento. O Deus de Jesus Cristo não habita na superfície, mas na profundidade. Não se encontra por meio de uma fé fácil, mas por meio de uma fé amadurecida e forjada pela ousadia, pelos desafios enfrentados, pelas posturas necessárias e pela mudança de hábitos, esquemas, estilo de vida. São esses os momentos de "graça" para experimentar a misericórdia, que desconstrói nossa vida para construí-la de uma forma mais bela (cf. Jr 1,1-10).

3.3. A criança não suscita medo

O olhar de todos se dirige para a criança. É interessante ver como os adultos, inclusive os mais sérios e durões,

enternecem-se e se maravilham diante de uma criança. Deus se faz criança para que o nosso olhar se fixe nele, ou melhor, que o nosso olhar se fixe no humano. Diante de uma criança, não há o que temer. Deus se faz criança, porque não quer ser temido, mas contemplado e amado na pessoa de todos os “pequeninos do mundo”: sem casa, sem terra, sem emprego, sem saúde, sem dignidade.

Qualquer pessoa tocada pela “misericórdia que se faz carne” em Jesus de Nazaré fixa seu olhar naqueles que estão “machucados pela vida”. O encontro com a misericórdia do Pai não só concede-nos um coração misericordioso, mas ajuda-nos a ter ouvidos de misericórdia, olhos misericordiosos, mãos misericordiosas e pernas misericordiosas para caminhar em direção àqueles que mais necessitam de nossa presença.

3.4. Onde há criança, há necessidade do cuidado

A criança é dependente de seus pais em tudo e, se não for cuidada com medidas de higiene, alimentação, vestuário, saúde, não sobrevive. Com o crescimento gradativo, cresce também a aprendizagem de cuidar de si. Entretanto, o ser humano sempre precisará ser cuidado, ainda que a forma se modifique. Por isso, cuidar de si, dos outros, do meio ambiente é um traço fundamental da vida humana.

Deus, ao se fazer criança, necessitou do cuidado de seus pais Maria e José. Quando adulto, no seu ministério, necessitou do cuidado dos amigos Marta, Maria e Lázaro (Lc 10,38-42; Jo 11,1-5) e das mulheres que cuidavam do grupo dos discípulos (Lc 8,1-3). Cuidou misericordiosamente dos pobres, dos famintos, dos doentes e excluídos, como se permitiu ser cuidado. Deus se faz criança para cuidarmos dele e aprendermos a cuidar uns dos outros.

Uma vez que a misericórdia não caminha sozinha, mas com ela vão juntas a alegria, a compaixão, o perdão, a acolhida e o cuidado, cuidar misericordiosamente de coisas e

peças fará mais diferença qualitativa do que simplesmente cuidar pelo cumprimento de um dever ou obrigação. O cuidado misericordioso é gratuito e incondicional, não se cansa, não se esgota, pois bebe da fonte do “amor excessivo” do Deus de Jesus Cristo.

4. Deus se “encolhe” no pobre-servo-escravo

Os evangelhos sinóticos – Mateus, Marcos e Lucas – falam que Jesus de Nazaré era considerado por seus contemporâneos um simples homem, a ponto de ser considerado blasfemo ao perdoar os pecados do paralítico (Mc 2,7). O mesmo se dará no julgamento em que será considerado réu de morte por atribuir-se o título de “Filho de Deus” (Mt 26,63-65).

Ao encarnar-se, o “Filho de Deus” se encolhe no humano de Jesus de Nazaré ao nascer de Maria, tendo como pai adotivo José. Ao nascer em uma estrebaria, ser colocado em uma manjedoura, às margens da cidade de Belém, segundo o evangelista Mateus, o “Filho de Deus” se faz classe social. Faz-se membro do grupo dos pobres.

No tempo de Jesus, os judeus religiosos relacionavam Deus a um ser distante, cujo nome não se podia pronunciar. Tratava-se do excelso, majestoso, Todo-Poderoso, cuja dignidade e esplendor nenhum ser humano podia ver e permanecer vivendo. Saber que Jesus era considerado “galileu” revela algo de suma importância. Os galileus nunca tiveram influência religiosa como os judeus da Judeia. Eram considerados ignorantes e impuros, desconhecedores de inúmeras questões relacionadas à Lei e ao Templo. Nessa região de desprestígio e pobreza, Jesus procurou conviver com pessoas difamadas, que gozavam de péssima reputação e estima. O “Filho” se “encolhe” no pobre Jesus que se faz servo e desce à categoria dos escravos, os últimos de Israel.

O lava-pés é o exemplo eloquente daquele Mestre que “desce” e faz o serviço próprio dos escravos. Antes depõe o

manto e cinge-se com o avental. Terminado o gesto simbólico, retoma o manto, mas sem tirar o avental (Jo 13,4.12). Fazer-se servo, descer aos pés dos irmãos/ãs e cuidar daquilo que os faz caminhar não é uma tarefa episódica, mas um exercício constante. Aquele que viveu como pobre-servo-escravo também sofrerá a pena de morte aplicada aos pobres e escravos: a crucifixão.

A vida de Jesus é vivida na "fraqueza", como despojamento de todo poder político, econômico ou religioso. Não ocupa, na sociedade de seu tempo, o lugar de honra e dignidade dos sacerdotes, fariseus e doutores da Lei. Vive abdicando de todo prestígio e da fama passageira. Em Jesus, Deus sacrifica todo seu poder e autoridade, majestade e grandeza para revelar sua presença misericordiosa entre os últimos. Não há outro caminho possível no seguimento de Jesus senão o do despojamento. Não é justificável que quem quer ser semelhante a Jesus, trilhar os seus caminhos, busque honrarias e reconhecimentos, preocupe-se com títulos e prestígio, vise mais ao seu bem-estar, à vida cômoda e confortável do que ao bem e à felicidade de tantos "machucados pela vida".

Conclusão

A encarnação de Jesus não idealiza o humano. Revela-o na sua fragilidade e vulnerabilidade, na sua dimensão social, como ser carente e em busca de liberdade. O humano não é simples dado, mas também tarefa. Faz parte do nosso processo o longo caminho da humanização – quesito básico para nossa salvação –, que requer muitas buscas, discernimento, escolhas e, sobretudo, fazer da "misericórdia um princípio de vida", cuja preocupação central é o sofrimento humano e o empenho para tornar a vida dos outros mais feliz.

No humano há muito de desumano ou inumano. Quando "a misericórdia se fez carne e habita entre nós", através do homem Jesus, ela revela sua dimensão pessoal, comunitária, mas também política, econômica e religiosa. Não

é possível falar de misericórdia sem levar em conta a economia excludente do mercado, a política baseada em jogos de interesses e a cultura que erige o individualismo radical como expressão normal da vida do ser humano.

"A misericórdia feita carne" apresenta o ser humano como o lugar do encontro com Deus, o espaço do verdadeiro culto e a sacralidade da vida humana, superior a qualquer santuário ou Templo, norma ou Lei religiosa. Tiago diz que "a verdadeira religião consiste em visitar os órfãos e as viúvas em suas tribulações e guardar-se da corrupção do mundo" (Tg 1,2) A carta aos hebreus (Hb 10,5-10) enfatiza que o Pai não desejou holocaustos e sacrifícios, mas o corpo – a humanidade concreta do Filho, colocada a serviço dos irmãos. Paulo já nos lembrava de oferecer "nossos corpos (nossa vida humana) como culto espiritual e sacrifício vivo e santo, agradável a Deus" (Rm 12,1-2).

A criança que se encontra no presépio revela a misericórdia como experiência jubilosa da salvação, a necessidade de deixar Deus "bagunçar" nossa vida arrumadinha de acordo com os nossos critérios, lançar o olhar contemplativo sobre os pequenos do Reino, afastar o medo e entronizar o cuidado como imperativo na vida humana.

A misericórdia se faz classe social, abdica de toda honra, prestígio e privilégio, não busca a fama e o reconhecimento, a riqueza e o poder, mas desce, "encolhe-se", faz-se pobre-servidor-escravo para, começando dos últimos da sociedade, chegar a todos. A misericórdia dialoga com todos, a todos respeita, independentemente de crenças, ideias, partidos, denominações religiosas ou políticas. Nunca se impõe, mas se propõe. E se quer alguma coisa, se tem alguma pretensão, é tornar o outro mais feliz, mais humano, alguém melhor. A misericórdia anda abraçada com a ternura, dança com a alegria e proclama a todos: "Felizes os misericordiosos, porque estão vendo e verão com mais clareza a presença do Deus de Jesus Cristo".

ASSINATURAS

Prezado(a) assinante,

Os valores vigentes para a assinatura da revista



NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

A revista *Convergência* recebe colaboração espontânea de artigos inéditos que serão avaliados pelo Conselho Editorial, o qual decide pela sua publicação ou não, de acordo com os seguintes critérios:

- o conteúdo deve estar em sintonia com o objetivo da revista, que é oferecer subsídios de formação, reflexão e aprofundamento para as comunidades religiosas;
- os artigos devem ser enviados em arquivo Word, em fonte Times New Roman, tamanho 12 (com rodapé tamanho 10), contendo entre 25 e 30 mil caracteres com espaço;
- elaborar, no final de cada artigo, pelo menos três questões para ajudar a leitura individual e o debate em comunidade, além de bibliografia consultada;
- enviar juntamente com o artigo os dados biográficos do autor e endereço para contato;
- os artigos deverão ser enviados três meses antes da data prevista para a publicação, no seguinte endereço eletrônico: <publicacoes@crbnacional.org.br>.